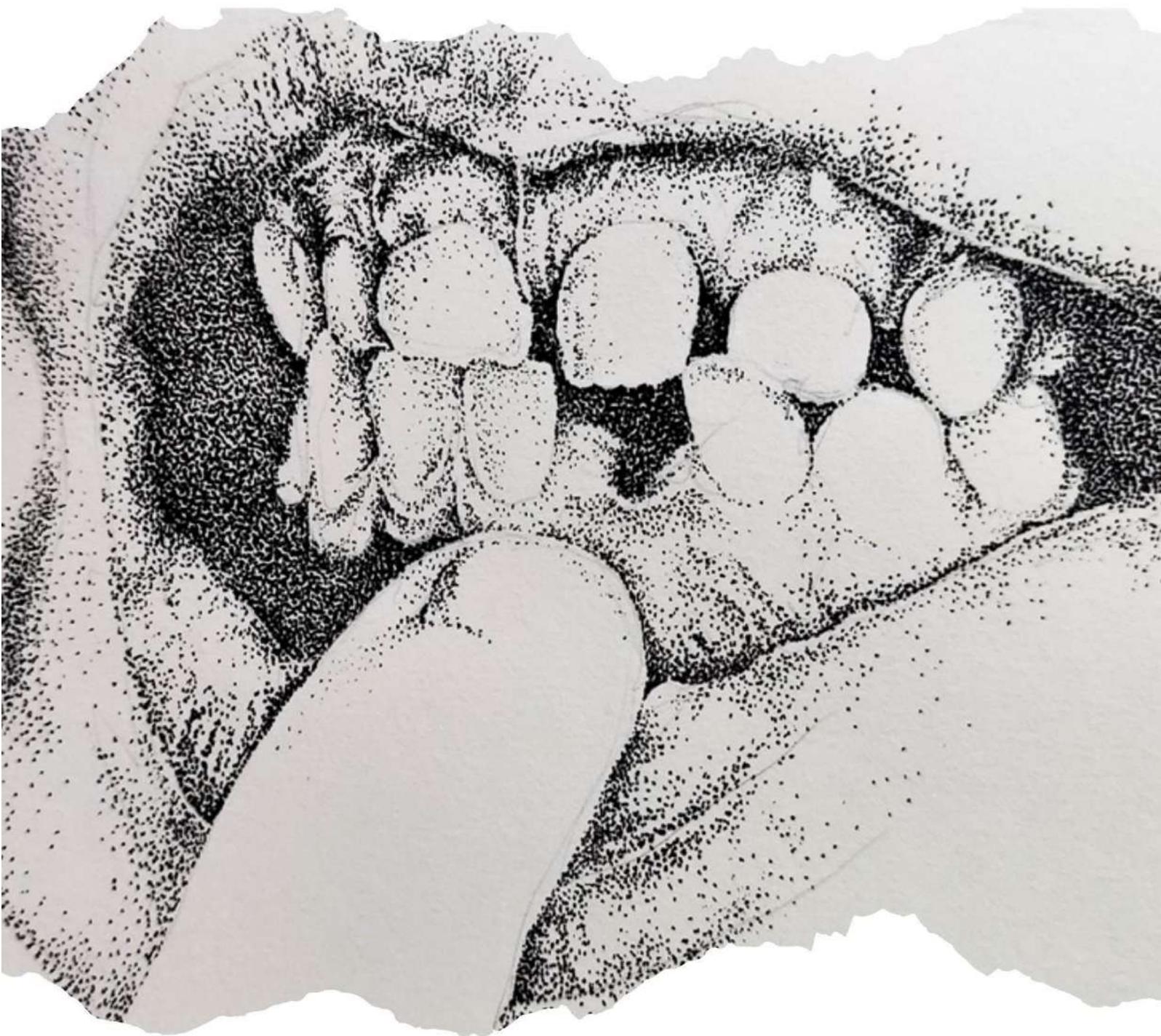


ENTRE PONTOS E MEMÓRIAS:
RETRATOS DE UMA TRAJETÓRIA CRIATIVA
(2017-2024)



ALBENISE CARNEIRO DE VASCONCELOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ALBENISE CARNEIRO DE VASCONCELOS

ENTRE PONTOS E MEMÓRIAS: RETRATOS DE UMA TRAJETÓRIA CRIATIVA
(2017-2024)

JOÃO PESSOA

2024

ALBENISE CARNEIRO DE VASCONCELOS

**ENTRE PONTOS E MEMÓRIAS: RETRATOS DE UMA TRAJETÓRIA CRIATIVA
(2017-2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Ricardo Pessoa

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

V331e Vasconcelos, Albenise Carneiro de.

Entre pontos e memórias: retratos de uma trajetória criativa (2017-2024) / Albenise Carneiro de Vasconcelos. - João Pessoa, 2024.

79 f. : il.

Orientação: Alberto Ricardo Pessoa.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Artes visuais - TCC. 2. Desenho. 3. Pontilhismo.
4. Processo criativo - Artes visuais. 5.
Desenvolvimento artístico. I. Pessoa, Alberto Ricardo.
II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 7.01(043.2)

ALBENISE CARNEIRO DE VASCONCELOS

**ENTRE PONTOS E MEMÓRIAS:
RETRATOS DE UMA TRAJETÓRIA CRIATIVA (2017-2024)**

Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

João Pessoa, 07 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALBERTO RICARDO PESSOA**
Data: 11/11/2024 13:55:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alberto Ricardo Pessoa (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **SICILIA CALADO FREITAS**
Data: 11/11/2024 14:06:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sicília Calado Freitas (Examinadora interna)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **EDUARDO ROMERO LOPES BARBOSA**
Data: 11/11/2024 14:10:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa (Examinador externo)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Dedico este trabalho às crianças que, como eu um dia, sonharam em fazer arte e transformar sentimentos em imagens com as próprias mãos.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade e a todos aqueles que me acompanham, pela proteção e abertura de caminhos ao longo da minha jornada.

Ao meu querido gato zoinho, cuja companhia foi um consolo nos momentos difíceis e uma alegria constante.

Ao meu companheiro, Caio, por iluminar meu caminho com sabedoria. Seu apoio foi essencial para que fosse possível a conclusão deste trabalho.

Ao Rickson Martiniano, que, mesmo à distância, sempre foi um suporte com sua amizade e dedicação, auxiliando-me em cada fase deste processo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Alberto Pessoa, pela paciência, estímulo e apoio ao longo desta caminhada acadêmica e artística.

À minha coordenadora, Prof. Dra. Sicília Calado, por tanto ter me ajudado nas questões enfrentadas ao longo desses anos.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, se fizeram presentes nesse processo de crescimento e aprendizado.



“Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário”. (Ostrower, 2014, p.166).

RESUMO

Este estudo analisa o processo criativo dos meus desenhos de 2017 a 2024, com foco na técnica do pontilhismo. A pesquisa destaca o aprendizado artístico e os desafios enfrentados. A justificativa reside na busca por proporcionar um percurso de aprendizado, desenvolvimento e perseverança, delineando minha trajetória como artista visual. O pontilhismo, técnica que exige paciência e precisão, contribuiu para o desenvolvimento da minha identidade como artista, culminando em exposições individuais e coletivas. A pesquisa oferece uma contribuição ao campo das Artes Visuais, inspirando o repertório de outros artistas ao explorar as singularidades dessa técnica complexa e desafiadora para os limites criativos. A pesquisa analisa a evolução técnica e expressiva do pontilhismo ao longo dos anos, oferecendo percepções sobre as dificuldades enfrentadas e as conquistas alcançadas. A metodologia de pesquisa é centrada nos estudos da percepção visual, aprendizagem e cognição do desenho, posicionamento histórico da técnica, com relato de experiência em primeira pessoa.

Palavras-chave: desenho; desenvolvimento artístico; pontilhismo; processo criativo.

ABSTRACT

This study analyzes the creative process of my drawings from 2017 to 2024, focusing on the technique of pointillism. The research highlights the artistic learning and the challenges faced. The justification lies in the pursuit of providing a path of learning, development, and perseverance, outlining my trajectory as a visual artist. Pointillism, a technique that requires patience and precision, contributed to the development of my identity as an artist, leading in both solo and group exhibitions. The research offers a contribution to the field of Visual Arts, inspiring the work of other artists by investigating the nuances of this complex and creatively challenging technique. The study analyzes the technical and expressive evolution of pointillism over the years, offering insights into the difficulties faced along the way and the achievements attained. The research methodology is centered on studies of visual perception, learning, and cognition in drawing, the historical background of the technique, and a first-person experience description.

Keywords: drawing; artistic development; pointillism; creative process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paisagem em pontilhismo', 2018. Canetas ponta fina coloridas sobre papel Canson, 21,0 x 29,7 mm (tamanho A4).	15
Figura 2 – Detalhe de experimentação de formas e cores através do pontilhismo. Canetas ponta fina coloridas sobre papel Canson, 21,0 x 29,7 mm (tamanho A4).	16
Figura 3- Incisivo Central, 2024. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5).	19
Figura 4- Detalhe da obra Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte	21
Figura 5- Georges Seurat: Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte, 1884-1886, óleo sobre tela,	21
Figura 6 -Georges Seurat: As Modelos, 1887-1888, óleo sobre tela, 39,4 × 48,7 cm.	22
Figura 7 - Paul Signac: A Sala de Jantar, 1886-1887, grafite e tinta sobre papel japonês, 22,1 × 25,9 cm.	23
Figura 8- Paul Signac: Evening Calm, Concarneau, Opus 220 (Allegro Maestoso), 1891. Oil on canvas. 25 1/2 × 32 in 64.8 × 81.3 cm.	23
Figura 9- Henri Edmond Cross: Paisagem com Le Cap Negre; Paisagem com Cabo Negre, 1906.	24
Figura 10- Pintura de Maximilien Luce, Rue Ravignan, Paris, 1893.	25
Figura 11- Hipólito Petitjean, Barco em um lago por volta de 1912 - 1929	25
Figura 12- Trabalhadores instalando “Ácido Bromo Nucleico”, uma das pinturas pontuais de Damien Hirst, na galeria Gagosian em Nova York.	26
Figura 13- Instalação Obliteration Room, de Yayoi Kusama.	27
Figura 14- Duda. Will Barcellos, 2020	28
Figura 15- "Antes de deixar tudo ir" ou "2022". Dedoverde, 2022.	29
Figura 16- Fotografia das obras Autorretrato (2022) e Antes de deixar tudo ir (2023), que fizeram parte da exposição individual de Wanessa Dedoverde	29
Figura 17- Epifania: o caminho se abre azul. 2020	30
Figura 18 - Enlaces. 2018.	30
Figura 19- Butter-Lie, obra de nchlsdrog, 2023.	31
Figura 20- Teeth, obra de Emmanuel Reymoso Navarro, 2023.	32
Figura 21- Armadura, 2017. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21,0 mm (tamanho A5).	33

Figura 22 - Reconhece-te a ti mesmo, 2017. Caneta nanquim sobre papel Canson, 10,5 x 14,8 cm (tamanho A6).	34
Figura 23- Filha da visão que mira dentro, 2017. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4)."	35
Figura 24- Extrator de dente, 1609.	36
Figura 25- Detalhe da obra Extrator de dente, 1609.....	37
Figura 26- O Dentista, 1622.	37
Figura 27- O que eu quero para o mundo, 2018. Caneta nanquim sobre papel Canson, 10,5 x 14,8 cm (tamanho A6).....	39
Figura 28 - A fada do dente não existe,2018. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4).	40
Figura 29- Se o Galo Cantar, 2020. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5).....	41
Figura 30 - Detalhe da obra 'Tenaz I', 2019. Caneta nanquim sobre papel Canson, 29,7 x 42 cm (tamanho A3).	43
Figura 31- Detalhe da obra: 'Tenaz II', 2019. Caneta nanquim sobre papel Canson, 29,7 x 42 cm (tamanho A3)."	44
Figura 32- Resistir, 2020. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4)	45
Figura 33 - Cada um é o que sobrou de ontem, o que restou de tudo, 2021, Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4).....	46
Figura 34 - Cíclico ou aquilo que sempre volta. Caneta nanquim sobre papel de envelope, 29,7 x 42 cm (tamanho A3).....	47
Figura 35 - Expostas, 2023. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4)."	48
Figura 36- Avaliação, 2024. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5)	49
Figura 37 - Quando os dentes caem, 2024. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 14 cm.....	50
Figura 38- Desenhando no meu espaço criativo.....	54
Figura 39 - Materiais.....	55
Figura 40 - Esboço intermediário	57
Figura 41 - Esboço simplificado.....	57
Figura 42 – Exemplo de integração do esboço no sombreamento.	58

Figura 43- Variação de Pontos (Sombra sutil, Sombra Intensa e Transição Suave)	59
Figura 44 - Fotografia das canetas com pontas de diferentes espessuras	60
Figura 45 – Exemplo de obra com direção e padrão dos pontos.....	60
Figura 46- Exemplo de construção de camadas	61
Figura 47- Exemplo de obra com alto contraste.....	61
Figura 48 – Exemplo de obra com baixo contraste	62
Figura 49 - Demonstração de como erros foram incorporados.	64
Figura 50 - Fotografia de obras com a técnica do grafite, representando a transição para a técnica do pontilhismo	68
Figura 51- Fotografias de espectadores observando as obras do Ciclo 2: 'Sentir'."	69
Figura 52 - Fotografia das obras pertencentes ao ciclo 3 “Querer.....	70
Figura 53 - Obras pertencentes ao ciclo3 “Querer”	70
Figura 54 - Obras pertencentes ao ciclo 4 “Querer-se”.....	71
Figura 55 - Interação do público com as obras durante a exposição	72
Figura 56 - - Interação do público com as obras durante a exposição.....	72
Figura 57 - Capas para o EP Desperto Contido.....	74
Figura 58 - Figura 58 - Lamento às Águas, 2020. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5).....	74
Figura 59 - Fotografia da obra “Cíclico - Aquilo que Sempre Volta”	75
Figura 60 - Fotografia com a obra e da obra Resistir.....	76
Figura 61 - Fotografia da obra “Quando os Dentes Caem - infância II”	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CAPÍTULO 1 - IDEIAS.....	18
2.1 Inspirações técnicas e visuais.....	20
2.2 Temas.....	32
3 CAPÍTULO - ESBOÇO.....	53
3.1 O Espaço criativo.....	53
3.2 Materiais.....	55
3.3 Processo de esboço.....	56
3.4 Processo de sombreamento no Pontilhismo.....	59
4 CAPÍTULO 3 - PORTFÓLIO.....	67
4.1 Exposição individual <i>A Ponto de Ser</i>	67
4.1.1 Ciclo 1 - Crescer.....	68
4.1.2 Ciclo 2 - Sentir.....	68
4.1.3 Ciclo 3 - Querer.....	69
4.1.4 Ciclo 4 - Querer-se.....	71
4.2 Exposições coletivas.....	73
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	79

1 INTRODUÇÃO

A expressão artística constitui um campo vasto e dinâmico, no qual as técnicas adotadas pelos artistas refletem tanto a habilidade técnica quanto a maneira única de enxergar o mundo. Nesse contexto, o presente trabalho de conclusão de curso visa apresentar e refletir sobre o meu processo criativo, técnico e artístico, destacando os desenhos realizados no período de 2017 a 2024, com ênfase na técnica do pontilhismo, abordando-o de forma memorialista e analítica. O estudo está embasado nas contribuições de Betty Edwards (2021), que fornece fundamentos sobre o aprendizado e a percepção visual no desenho; Donis A. Dondis (2003), que discute a sintaxe visual e os princípios de composição; Ernst H. Gombrich (1999), que oferece uma perspectiva histórica e teórica sobre a arte e suas técnicas; e Fayga Ostrower (2014), que aborda a criatividade e o desenvolvimento artístico. Este arcabouço teórico busca complementar os fundamentos do desenho, explorando a técnica do pontilhismo, a sintaxe visual das composições e os efeitos que a técnica proporciona, além de traçar seu percurso histórico e criativo.

O pontilhismo, originado do Neo-Impressionismo (1886), que por sua vez surgiu do Impressionismo (1874), é uma técnica que se distingue pela aplicação de pontos de tinta em uma superfície, de forma sistemática e calculada, em vez de aplicar uma camada contínua de cor ou utilizar pinceladas tradicionais. Cada ponto é uma pequena unidade de cor pura, colocada com precisão para formar uma composição visual maior. Em vez de misturar as cores na paleta e depois aplicá-las, como em outras técnicas de pintura, no pontilhismo a mistura acontece de maneira óptica. Ao contrário de métodos mais tradicionais, que dispensam pinceladas rápidas e mescladas, o pontilhismo exige paciência, soluções e uma visão aguçada das interações de cor e luz, fazendo com que a obra final seja percebida de maneira única, dependendo da distância do espectador, representando um desafio que demanda do artista habilidade técnica e superação de barreiras físicas e psicológicas, que por vezes limitam a exploração da linguagem poética individual (Gombrich, 1999). A obra *Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte* de Georges Seurat (1886) é a mais famosa desse movimento e apresenta uma pesquisa inovadora acerca da maneira de pintar, tanto na concepção de composições, estrutura de paleta de cores e respectivas estratégias de sintaxe visual (Dondis, 2003). Se o impressionista Claude Monet trabalhou em *Impressão, nascer do Sol* (1872) a partir de

massas de tinta, Seurat o fazia pela proximidade de pontos cromáticos, criando novas interações de cores.

Embora eu tenha desenhado desde criança, meu interesse pelo pontilhismo surgiu durante a graduação em Bacharelado em Artes Visuais, especificamente nas aulas de Fundamentos da Linguagem Visual, em 2018 e 2019, ministradas pelos professores Marta Penner e Alexandre Câmara. Essa experiência aprimorou minha percepção sobre a importância do elemento ponto na Arte, mas também nutriu minha curiosidade pelo universo do pontilhismo. Imersa no desenvolvimento dessa técnica, tive a oportunidade de apresentar minhas obras em várias exposições coletivas. Além disso, concretizei um marco significativo na minha jornada artística ao realizar minha primeira exposição individual, intitulada *A Ponto de Ser*, realizada na Casa da Cultura da cidade de Sobrado–PB, ao marco inaugurativo deste espaço público municipal voltado para o fomento de práticas culturais e educação artística.

A mostra, organizada cronologicamente, traçou minha jornada artística desde o realismo com lápis grafite até o pontilhismo e foi curada por meu amigo e colega artista Rickson Martiniano. A apresentação do portfólio artístico baseia-se tanto nesta exposição quanto nos trabalhos recentes de minha produção.

A justificativa para esta pesquisa é oferecer um caminho de desenvolvimento e perseverança, delineando assim minha trajetória como artista. Como afirma Ostrower (2014, p.142-143), em *Criatividade e Processos de Criação*:

Os processos criativos são processos construtivos globais, envolvem a personalidade toda, o modo de a pessoa diferenciar-se dentro de si, de ordenar e relacionar-se em si e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los. Ao criar, procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas. Ganhamos concomitantemente um sentimento de estruturação interior maior. Percebemos que nós estamos desenvolvendo em algo de essencial para o nosso ser, daí se torna tão importante para o artista ou para qualquer pessoa sensível saber do trabalho de outros, ter contato com seres criativos, não só sentindo de uma rivalidade, mas no sentido de um crescimento interior que também em nós se realiza quando podemos acompanhar a realização de outro ser humano.

Essa perspectiva reforça a importância de uma prática artística constante para o crescimento pessoal e profissional. No contexto do pontilhismo, uma técnica que demanda paciência e atenção aos detalhes, essa prática se torna ainda mais relevante. O pontilhismo, ao permitir uma reflexão profunda sobre o processo criativo, contribui para a formação de uma identidade artística mais sólida e autêntica.

Além disso, a exploração dos limites e potencialidades de um determinado material, o tempo necessário para a execução adequada da técnica, a relação entre conceito e produção perpassa pela formação universitária, ateliês livres e formação contínua (Edwards, 1984). A questão levantada: há poucas oportunidades para este tipo de aprendizado com orientação de arte-educadores.

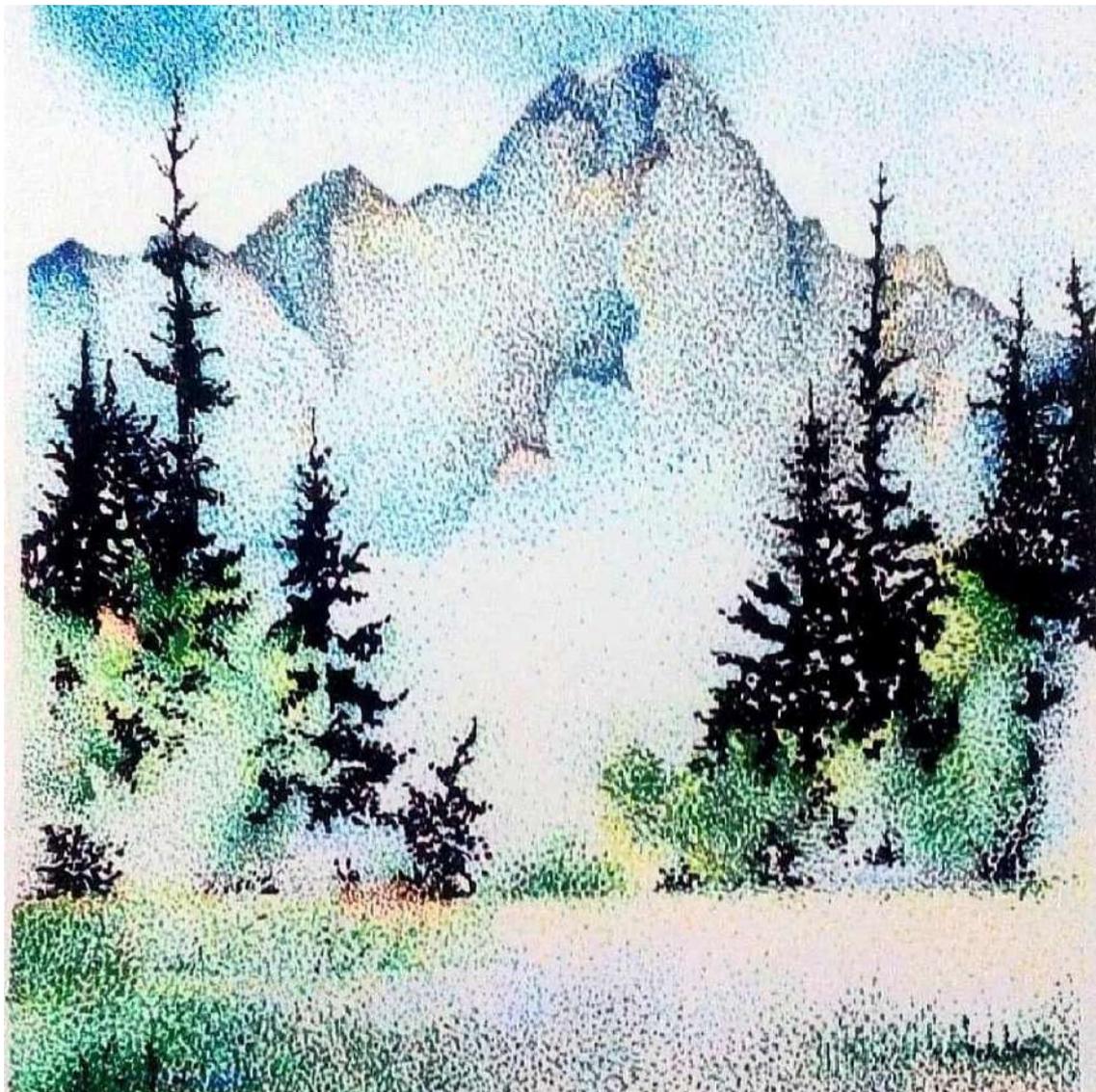
Apesar do vasto material disponível nas redes sociais, como tutoriais no Instagram e no TikTok, a orientação é fundamental para o crescimento artístico de um jovem artista. Minha experiência exemplifica isso, com minha formação artística técnica e poética, culminando neste trabalho de conclusão de curso.

Desde o primeiro contato com a técnica do pontilhismo, busquei aprimorar meus conhecimentos por meio da realização dos trabalhos práticos, orientações dos docentes e retrabalhos. Em 2018, no semestre 2018.1 do meu bacharelado em Artes Visuais, cursei a disciplina Fundamentos da Linguagem Visual, ministrada pelo professor Alexandre Câmara, que teve um papel crucial no meu desenvolvimento artístico. Ao analisar meus trabalhos, ele levantou questões que me incentivaram a explorar novos materiais e técnicas, ajudando-me a desenvolver uma identidade mais sólida e autêntica.

O pontilhismo, exigindo paciência e atenção aos detalhes, afasta frequentemente o artista de suas práticas habituais. Ao longo da apresentação deste trabalho de conclusão de curso, apresento a construção de um portfólio que perpassa pela coleta de trabalhos, seleção e apresentação que reforça a identidade artística e técnica. Agrego, ainda, diálogos com artistas ícones da técnica e contemporâneos. O percurso da pesquisa será estruturado em três capítulos que representam o meu processo criativo: "Ideias", onde abordarei os pensamentos iniciais e inspirações que deram origem aos desenhos; "Esboço", dedicado à escolha dos materiais, construção dos desenhos, apresentação e análise das técnicas utilizadas, assim como as dificuldades enfrentadas; e "Portfólio", que reunirá as conquistas e transformações expressivas evidenciadas em minhas obras ao longo do período temporal escolhido.

Foi a partir das orientações e encorajamento do professor Alexandre Câmara que pude desenvolver meu primeiro trabalho colorido em pontilhismo (figura 1).

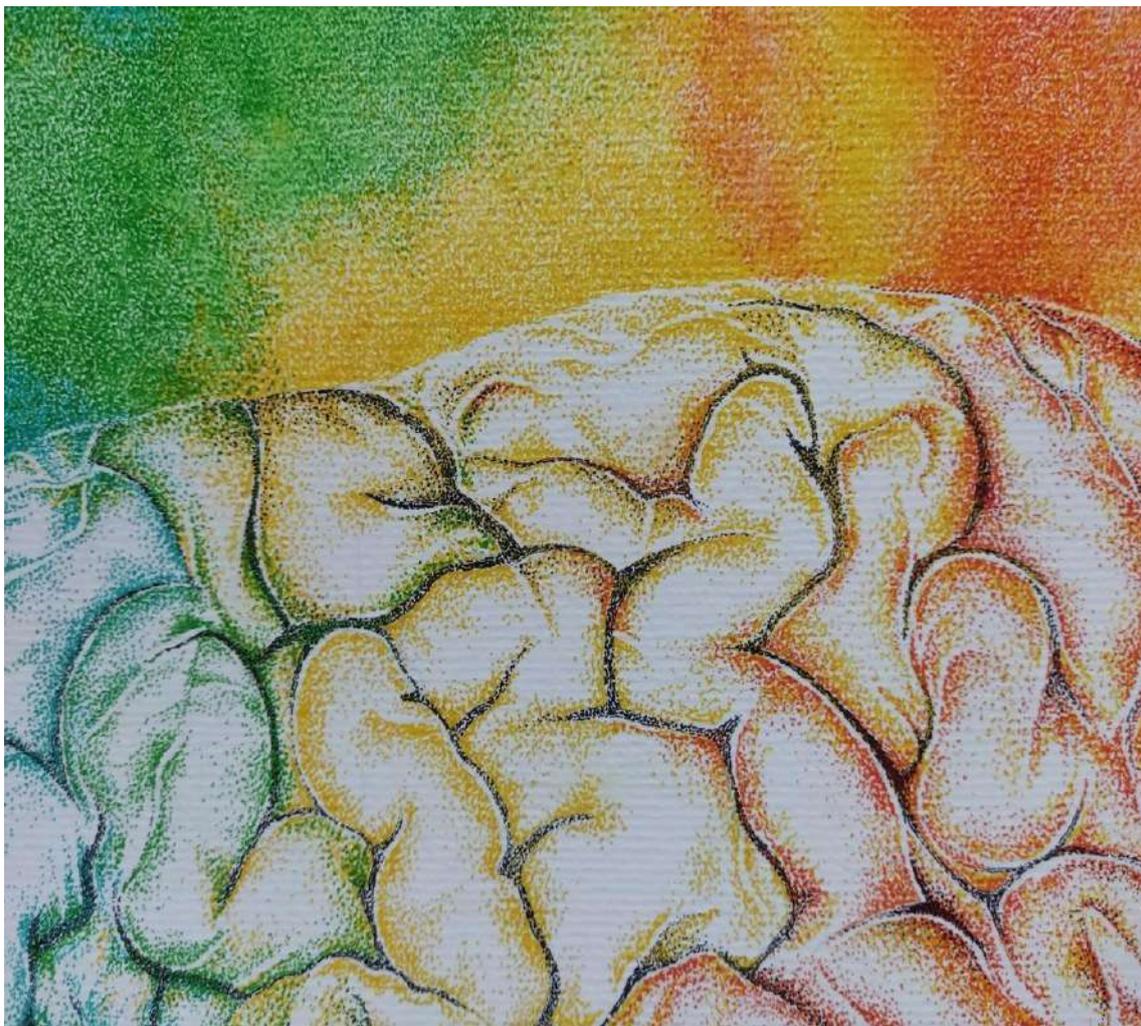
Figura 1 - Paisagem em pontilhismo', 2018. Canetas ponta fina coloridas sobre papel Canson, 21,0 x 29,7 mm (tamanho A4).



Fonte: Acervo pessoal

As aulas ministradas pela professora Marta Penner para a disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual foram fundamentais para minha formação. Durante o período letivo 2019.1, já cursando a graduação em Licenciatura em Artes Visuais, tive a oportunidade de me matricular novamente nesta disciplina. Essa experiência enriqueceu ainda mais minha prática artística, experimentando, durante aquele período letivo, os elementos da linguagem visual por meio de atividades práticas de desenho e pintura, explorando formas, cores e sombreamentos a partir do pontilhismo (figura 2).

Figura 2 – Detalhe de experimentação de formas e cores através do pontilhismo. Canetas ponta fina coloridas sobre papel Canson, 21,0 x 29,7 mm (tamanho A4).



Fonte: Acervo Pessoal

Este trabalho, assim, apresenta reflexões centradas na minha experiência artística e na minha formação, expressa através da minha produção com o foco no pontilhismo buscando evidenciar as técnicas desenvolvidas, as influências que moldaram meu processo criativo e as transformações ocorridas ao longo dessa trajetória.



2 CAPÍTULO 1 - IDEIAS

No processo criativo das artes visuais, as ideias surgem de um compilado de influências, experiências pessoais e percepções do mundo. Maria Mello (2012), doutora em Psicologia e Criatividade, observa que esse processo é uma síntese de vivências e reflexões, onde cada criação artística é influenciada pela carga emocional e intelectual do artista. Joana Oliveira Santos (2018), reforça essa visão ao afirmar que o processo criativo é uma construção que antecede a obra de arte, na qual o artista reúne suas experiências e práticas sociais, refletindo sua inserção na sociedade. Rick Rubin, produtor musical, amplia essa perspectiva em *O Ato Criativo* (2023), argumentando que todos vivemos como artistas, constantemente engajados na percepção e coleta de informações do mundo ao nosso redor. Mas, embora todos vivamos como artistas, a prática artística vai além dessa vivência, visto que, nem todos se dedicam a transformar essas percepções em uma obra de arte, um processo que envolve sensibilidade, mas também o domínio de técnicas e a reflexão crítica sobre o próprio fazer.

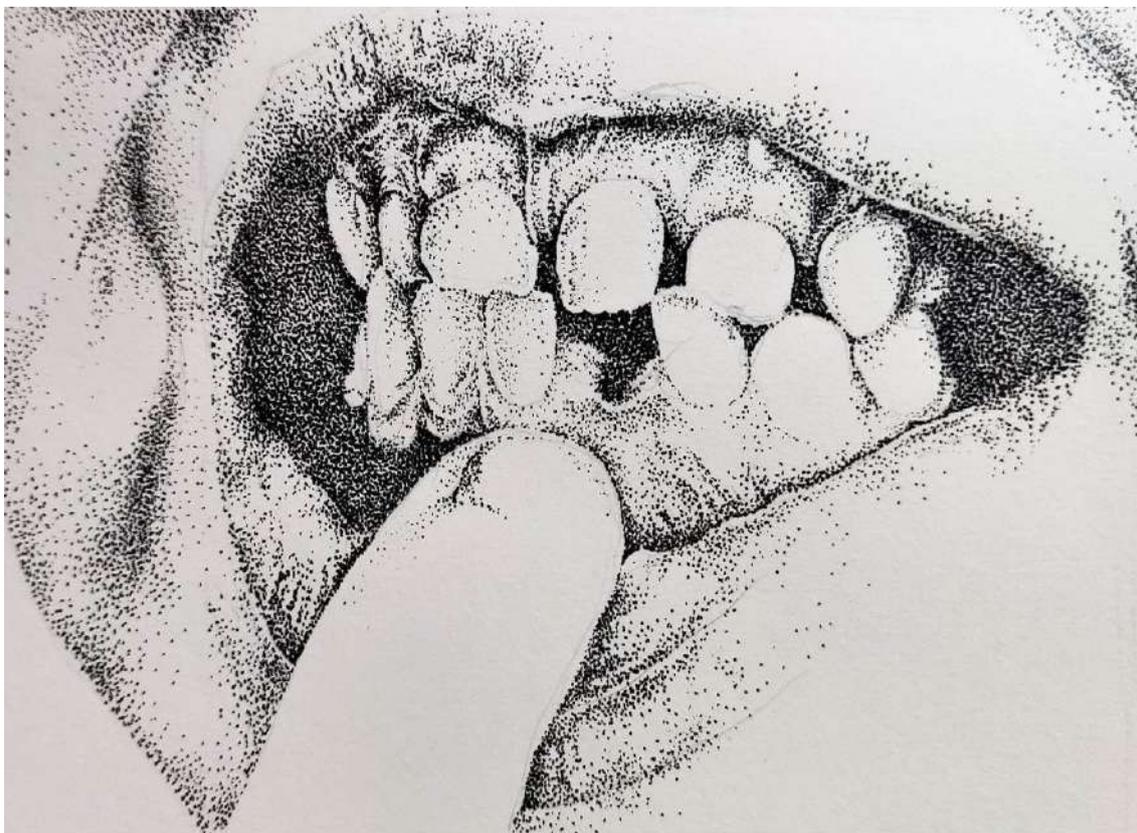
A conexão entre a experiência de vida e o processo de criação artística torna-se, assim, essencial. Ostrower (2014, p. 5) destaca que “o criar e o viver se interligam,” enfatizando que a inspiração pode surgir de diversas fontes, como a observação direta da vida e a apreciação de obras de outros artistas. Dessa forma, as influências externas e internas se entrelaçam, criando um ambiente fértil para novas ideias, frequentemente moldadas por vivências, emoções e memórias. Ostrower (2014) também aponta que o homem pode conectar o passado ao futuro, utilizando memórias e experiências para dar forma a novas criações artísticas.

Um exemplo dessa interligação entre criação e vivência é o desenho *Incisivo Central*, da série *Quando os Dentes Caem*, criado em 2024 (figura 3). Esse trabalho é profundamente pessoal, pois envolveu revisitar minhas memórias de infância e emoções ligadas à perda dos dentes. A obra demonstra como experiências individuais influenciam diretamente o processo criativo e como a expressão artística pode emergir da introspecção e das vivências pessoais. Essa perspectiva está alinhada com Mello (2012), que defende que cada obra de arte é a expressão única do artista, moldada tanto por técnicas quanto pela bagagem emocional e intelectual que ele carrega.

Explorar minhas inspirações revela como experiências e interações com o mundo enriquecem minhas criações artísticas. Ostrower (2014) afirma que a criação não é um

ato puramente individual, mas um reflexo das influências absorvidas pelo artista. Assim, tanto a bagagem pessoal quanto as influências externas desempenham papéis essenciais na formação da expressão artística única de cada indivíduo.

Figura 3- Incisivo Central, 2024. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5).



Fonte: Acervo Pessoal

Neste capítulo, descreverei minhas inspirações visuais e técnicas, demonstrando como as ideias se formam de maneira dinâmica. Esse processo, como mencionado, envolve uma interação entre observação, estudo e experiência pessoal, revelando os bastidores do meu processo criativo. Essa perspectiva está alinhada com o pensamento de Ostrower (2014, p. 148), que destaca como as influências são tão profundamente assimiladas e personalizadas que, ao se manifestarem no trabalho do artista, acabam transmutadas, tornando-se, por vezes, irreconhecíveis em relação à sua origem.

2.1 Inspirações técnicas e visuais

Minhas ideias artísticas são moldadas por uma diversidade de influências e fontes de inspiração, que impulsionam meu processo criativo dentro do universo do pontilhismo. Entre essas influências, destacam-se as raízes históricas do pontilhismo, profundamente conectadas com o movimento impressionista do século XIX. De acordo com Gombrich (1999), o Impressionismo é caracterizado pela pintura ao ar livre, com pinceladas rápidas que capturam a natureza em momentos efêmeros. Esse movimento desafiou as convenções tradicionais da arte acadêmica e, embora inicialmente criticado por sua aparente falta de acabamento, influenciou significativamente a evolução de técnicas subsequentes, como o pontilhismo.

Desenvolvido no final do século XIX, o pontilhismo, também conhecido como divisionismo, distingue-se do Impressionismo principalmente pelo uso da cor. Enquanto os impressionistas aplicavam a cor de maneira contínua, os pontilhistas utilizavam pequenas manchas ou pontos de cor pura, dispostos de modo que se misturassem visualmente à distância. Gombrich (1999, p. 522) observa: “Eles sabiam que o olho humano é um maravilhoso instrumento. Basta fornecer-lhe a sugestão certa e ele se encarrega de construir para nós a imagem total que sabe estar ali.”

Entre os artistas fundamentais para a definição e o desenvolvimento do pontilhismo, destaco Georges Seurat (1859–91) e Paul Signac (1863–1935). Suas criações são de grande inspiração para mim, pois exploram o potencial expressivo dos pequenos pontos, que se ligam para formar composições com texturas, luzes e sombras. Como Dondis (2003, p. 53) afirma: “Qualquer ponto tem grande poder de atração visual sobre o olho, existe ele naturalmente ou tenha sido colocado pelo homem em resposta a um objetivo qualquer.”

Seurat, em particular, utilizou o método impressionista como ponto de partida, mas descobriu que:

[...] seu trabalho com as cores era mais eficiente quando ele aplicava tinta com um toque ponteadado, utilizando a ponta do pincel. Ele chamou essa técnica de “divisionista” para enfatizar que mantinha os pontos de cor separados, embora muitos de seus contemporâneos preferirem o termo “pontilhistas” em referência aos pequenos pontos de cor. (Bugler *et al.*, 2019, p. 270-271)

Gombrich (1999, p. 544) comenta que Seurat esperava que essa técnica permitisse a mistura de cores no olho humano, sem comprometer a luminosidade e consistência da obra. Entretanto, ele também reconhece que essa abordagem poderia comprometer a clareza das formas ao evitar contornos definidos e decompor as figuras em áreas de pontos multicores. Essa característica é evidente nas figuras 4, 5 e 6, que ilustram a ausência de linhas e contornos marcados nas obras de Seurat, conforme discutido por Gombrich.

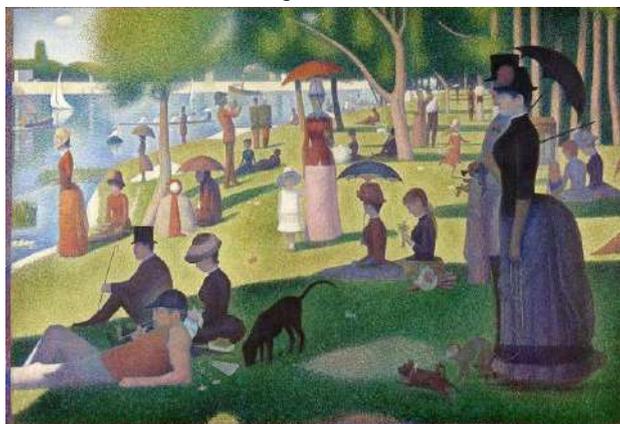
Complementando esse pensamento, William Gompertz, jornalista e crítico de arte, afirma em *Como os artistas veem o mundo* (2023) que Seurat não buscava capturar momentos transitórios, mas sim a atemporalidade. Ele introduziu ordem e disciplina ao Impressionismo, estruturando as inovações do movimento e codificando a cor para dar maior precisão às formas. Assim, Seurat trouxe um novo grau de organização ao estilo impressionista, ao mesmo tempo em que conferiu rigor científico às suas obras.

Figura 4- Detalhe da obra Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte.



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/cores-e-pontos-com-as-obras-de-george-seurat/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Figura 5- Georges Seurat: Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte, 1884-1886, óleo sobre tela,



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Georges_Seurat. Acesso em: 20 ago. 2024.

Figura 6 -Georges Seurat: As Modelos, 1887-1888, óleo sobre tela, 39,4 × 48,7 cm.



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Georges_Seurat. Acesso em: 20 ago. 2024.

Paul Victor Jules Signac, conhecido como Paul Signac, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da técnica do pontilhismo. Influenciado por Seurat, Signac ampliou e explorou o pontilhismo, aplicando suas próprias interpretações e abordagens (Gompertz, 2013). Assim como Seurat, Signac refletiu sobre o ponto e seu poder de agrupamento em uma pintura. Para ele, a técnica divisionista, possibilitava que o olho do espectador unisse esses pontos à distância, criando uma sensação de luz mais vibrante. Sobre isso, Dondis, em seu livro *Sintaxe da Linguagem Visual* (2003, p. 53-54), escreveu:

Qualquer ponto tem grande poder de atração visual sobre o olho, exista ele naturalmente ou tenha sido colocado pelo homem em resposta a um objetivo qualquer. [...] Quando vistos, os pontos se ligam, sendo, portanto, capazes de dirigir o olhar. Em grande número de tom ou de cor, é o fato visual em que se baseiam os meios mecânicos para a reprodução de qualquer tom contínuo.

Podemos observar os processos de fusão, contraste e organização nas obras de Paul Signac (figuras 7 e 8). Essas características são evidentes na forma como ele utiliza pequenos pontos de cor pura, que se agrupam para formar composições harmônicas e

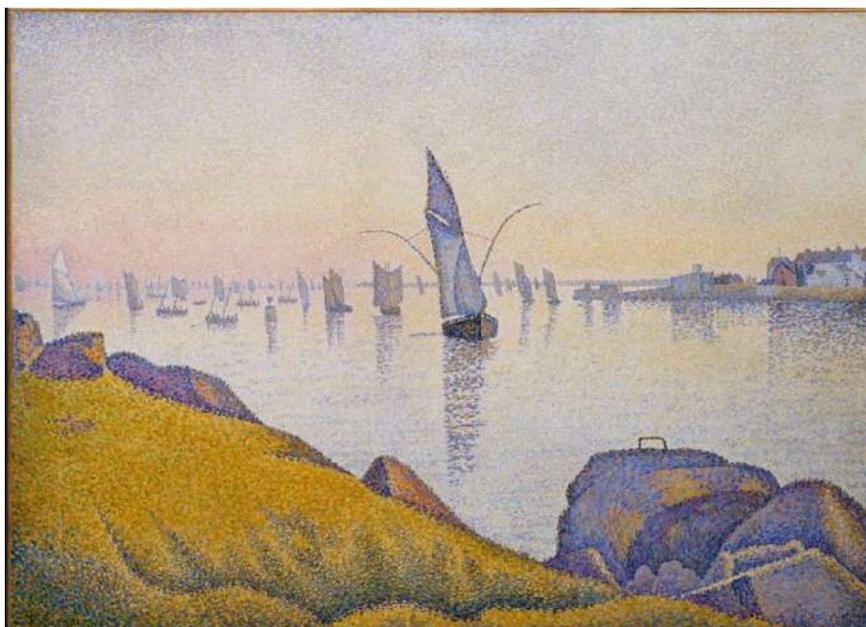
dinâmicas. O uso intencional de cores contrastantes e o rigor na organização dos elementos visuais reforçam a expressividade e o impacto estético de suas obras.

Figura 7 - Paul Signac: A Sala de Jantar, 1886-1887, grafite e tinta sobre papel japonês, 22,1 × 25,9 cm.



Fonte: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/459240>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Figura 8- Paul Signac: Evening Calm, Concarneau, Opus 220 (Allegro Maestoso), 1891. Oil on canvas. 25 1/2 × 32 in | 64.8 × 81.3 cm

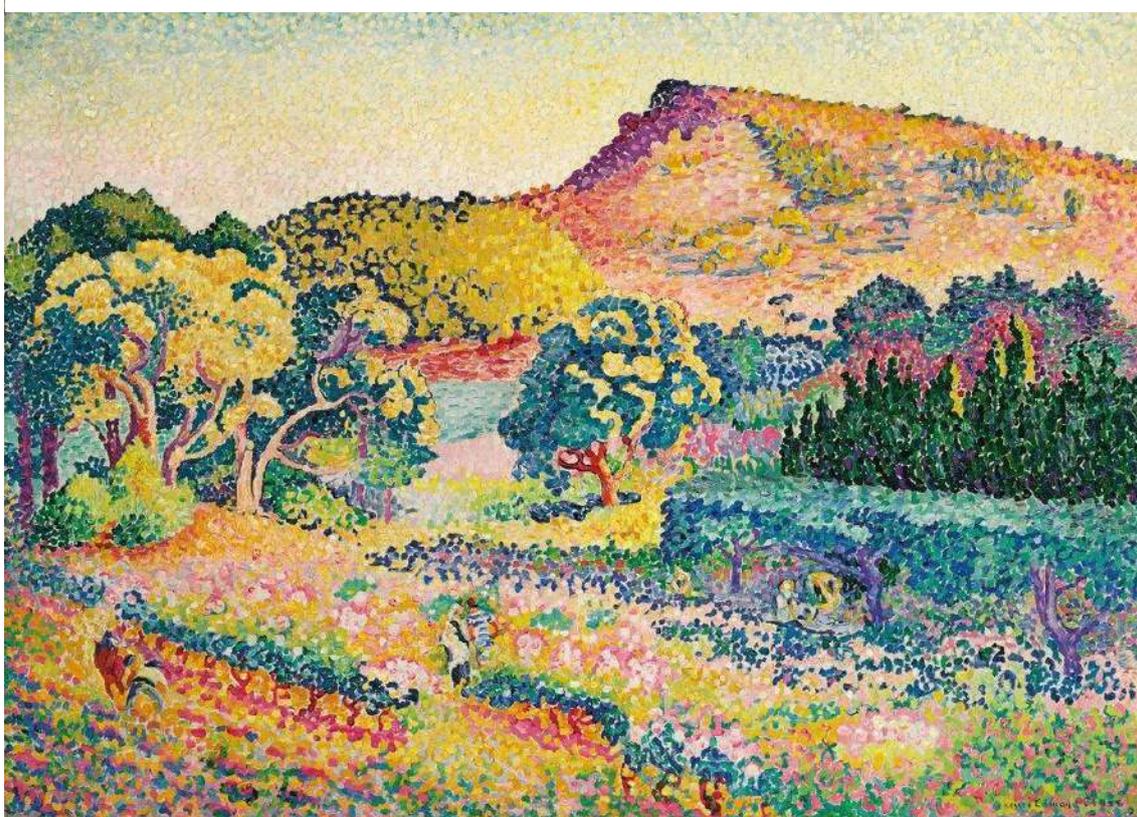


Fonte: <https://www.artsy.net/artwork/paul-signac-evening-calm-concarneau-opus-220-allegro-maestoso>. Acesso em: 08 out. 2024

Ao estudar as obras desses mestres do pontilhismo, percebemos a utilização de minúsculos pontos de cor e como cada ponto adiciona profundidade e sutileza, enriquecendo a composição. As técnicas utilizadas por Seurat e Signac me inspiraram na criação da minha primeira obra utilizando a técnica do pontilhismo colorido (figura 1) e ainda influenciam meu olhar artístico.

Ao decompor imagens por meio de pequenos pontos, percebemos que, embora sejam o elemento mais simples da linguagem visual, como afirma Dondis (2003), carregam uma complexidade expressiva única, revelando profundidade e sutileza na construção das formas. Assim, mesmo sendo um elemento básico, cada artista o utiliza de maneira própria, modificando os tons e as formas a partir dos agrupamentos escolhidos. Essas diferenças são evidentes ao compararmos as obras apresentadas a seguir (figuras 9, 10 e 11), todas utilizando o ponto como elemento principal, mas de maneiras distintas e em diferentes décadas.

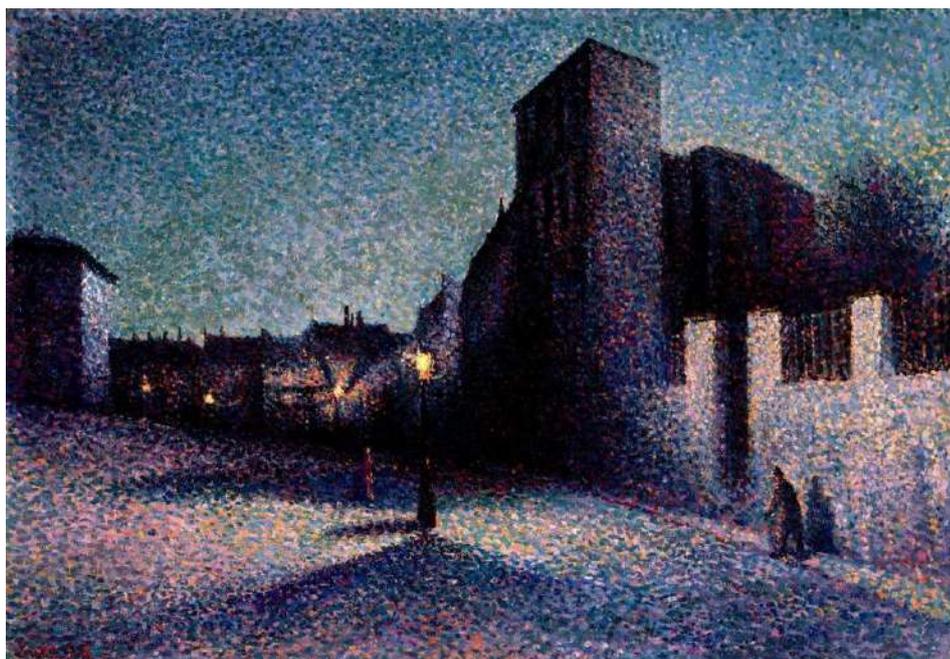
Figura 9- Henri Edmond Cross: Paisagem com Le Cap Negre; Paisagem com Cabo Negro, 1906



Fonte: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Henri-Edmond-Cross/820977/Paisagem-com-Le-Cap-Negre%3B-Paisagem-com-Cabo-Negro%2C-1906.html> .

Acesso em: 08 out. 2024

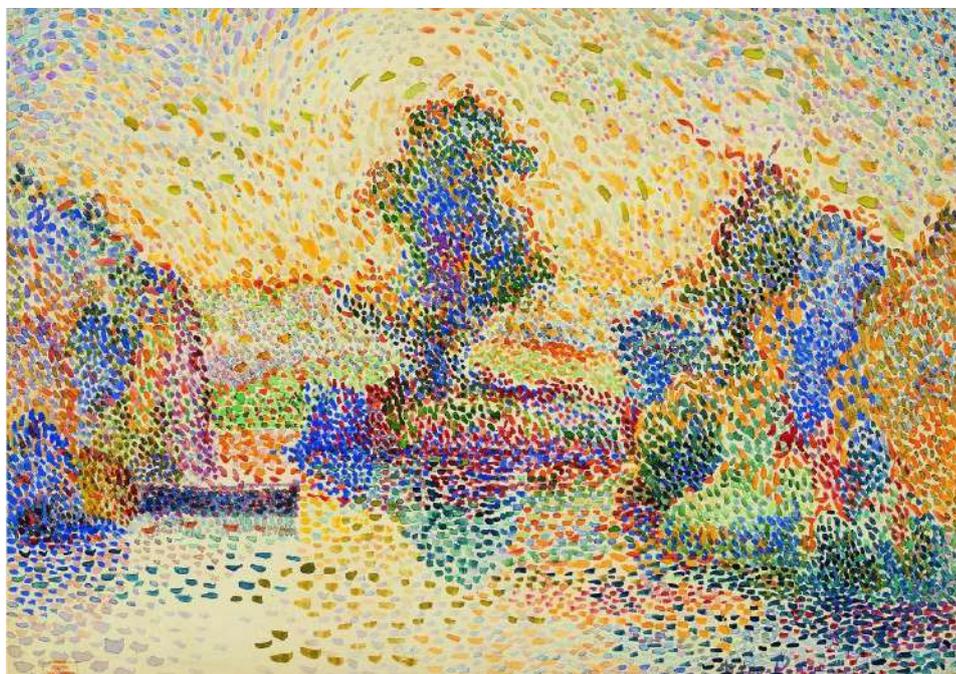
Figura 10- Pintura de Maximilien Luce, Rue Ravignan, Paris, 1893.



Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/rue-ravignan-paris-0001/DwHKFs6t8D0pyg?hl=pt>

Acesso em: 08 out. 2024

Figura 11- Hipólito Petitjean, Barco em um lago por volta de 1912 - 1929



Fonte: <https://www.museothyssen.org/en/collection/artists/petitjean-hippolyt/boat-pond>

Acesso em: 08 out. 2024

As pinturas anteriores foram criadas por três artistas em diferentes décadas e, nelas, é possível observar algumas questões de singularidade. Embora os três artistas utilizem cores, empregam tonalidades diversas e sobreposições distintas. Enquanto Hipólito Petijean opta por pinceladas espaçadas, Maximilien Luce e Henri Edmond Cross aplicam o pontilhismo em toda a extensão de suas obras, sem deixar espaços de respiro, ou seja, áreas sem pontos. Também se destacam as variações nos pontos utilizados por cada artista: alguns são maiores, outros menores, arredondados ou esguios.

Sobre essas características, Dondis (2003) afirma que, independentemente do seu formato—seja ele arredondado ou uma marca deixada por uma gota de tinta no papel—continua sendo um ponto, ainda que imperfeito. Assim como os pontilhistas mencionados acima dedicavam tempo e cuidado a cada pincelada e ponto, transmitindo por meio deles uma narrativa, busco transmitir, além de uma imagem, um sentimento. A atenção aos detalhes e a busca pela expressão genuína, tocando as pessoas de maneira profunda e delicada, são elementos que me inspiram e me conectam ao pontilhismo.

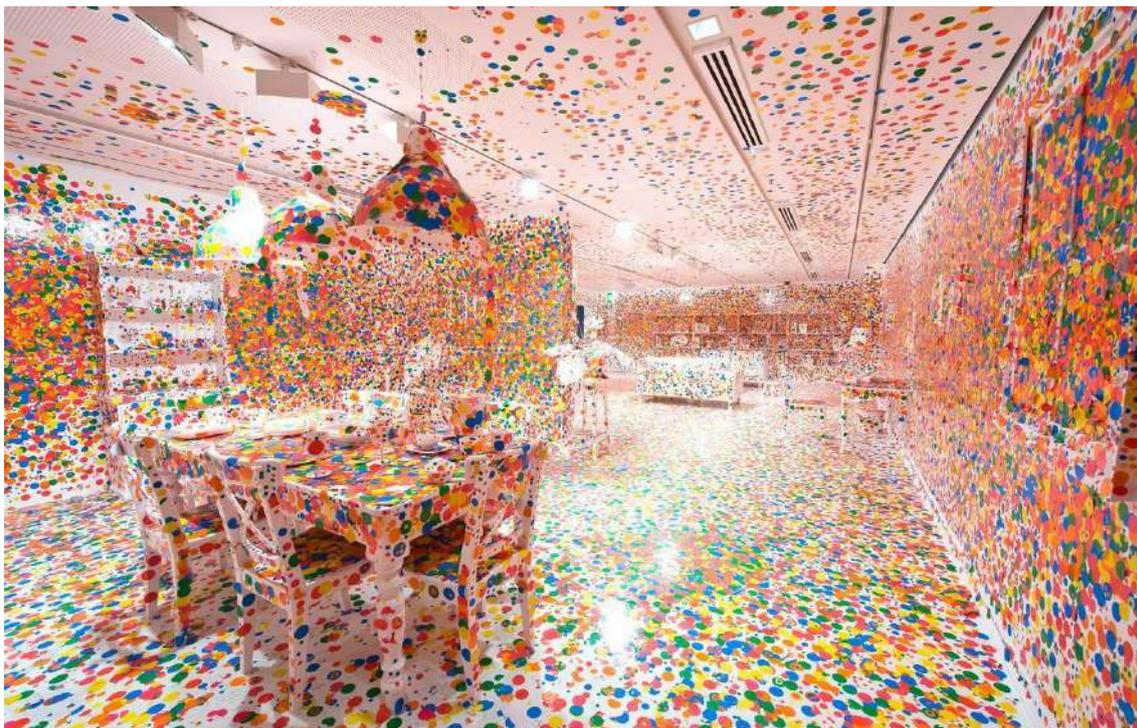
Com o passar do tempo, o pontilhismo continuou a ser desenvolvido e reinterpretado por diversos artistas, passando por alterações que refletem mudanças nas técnicas, materiais, estilos e contextos artísticos. Essa evolução permitiu que a técnica se adaptasse e permanecesse relevante, incorporando novas influências e perspectivas. Alguns artistas contemporâneos utilizam o ponto como elemento central em suas obras e rompem com o uso dos pequenos pontos convencionais, assim como com as superfícies tradicionais, como papel e tela. Entre esses artistas estão o britânico Damien Hirst (figura 12) e a japonesa Yayoi Kusama (figura 13), ambos conhecidos pelo uso excessivo de pontos em variadas dimensões.

Figura 12- Trabalhadores instalando “Ácido Bromo Nucleico”, uma das pinturas pontuais de Damien Hirst, na galeria Gagosian em Nova York



Fonte: <https://www.nytimes.com/2013/06/12/arts/design/damien-hirsts-spot-paintings-the-field-guide.html>

Figura 13- Instalação Obliteration Room, de Yayoi Kusama.



Fonte: <https://artequeacontece.com.br/obra-interativa-de-yayoi-kusama-oferece-diversao-para-a-familia-toda/>

Nesse contexto, além das influências históricas que tive contato durante o período da graduação em Artes Visuais, as quais marcaram o início das minhas experimentações com o pontilhismo, busco inspiração em artistas pontilhistas contemporâneos, que apresentam novas maneiras de enxergar o mundo e desenvolver técnicas. Observar as obras desses artistas amplia meu horizonte criativo, permitindo-me explorar novas formas de expressão e refinar meu próprio estilo artístico por meio da observação (Gompertz, 2023).

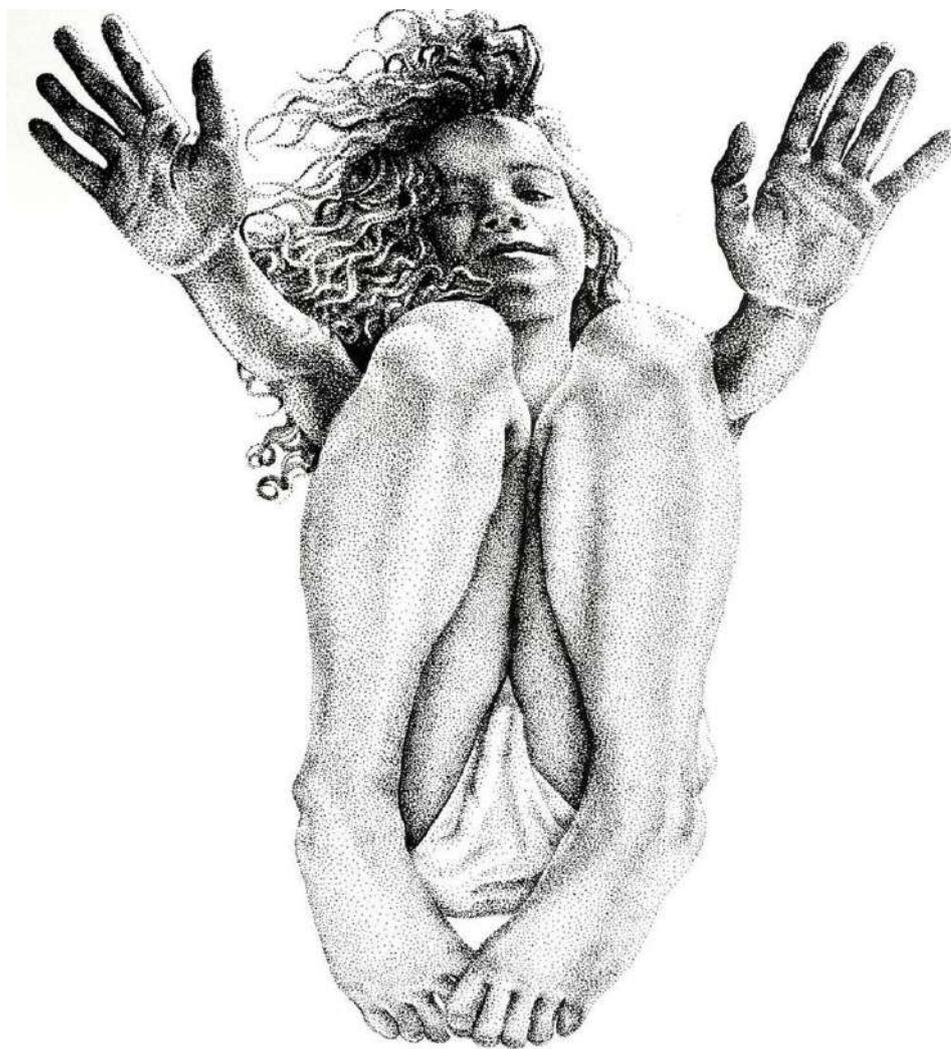
Um dos principais exemplos de inspiração para mim é o trabalho do artista Will Barcellos. Ele cria ilustrações em tons de preto e cinza por meio da justaposição de pequenos pontos. Sinto-me especialmente inspirada pela maneira como Barcellos retrata crianças (figura 14), o que me motivou a explorar visualmente o tema "infância" em minhas próprias obras.

Também tenho como inspiração técnica e visual a artista paraibana Wanessa Dedoverde, que utiliza o pontilhismo em suas ilustrações (figuras 15 e 16). Conheci seu trabalho em 2016, antes de começar a praticar o pontilhismo, e ela foi a primeira mulher paraibana que vi usando essa técnica. Dedoverde demonstra habilidade extraordinária

tanto com métodos tradicionais, como caneta e papel, quanto com técnicas digitais, utilizando tablet e softwares especializados.

Sua capacidade de organizar os pontos para criar composições e texturas visuais é impressionante. Além disso, suas obras ganham profundidade e significado ao representar mulheres e ao incluir autorretratos com elementos naturais. Sua dedicação, concentração e criatividade são fontes constantes de admiração e inspiração para mim.

Figura 14- Duda. Will Barcellos, 2020



Will Barcellos

Figura 15- "Antes de deixar tudo ir" ou "2022". Dedoverde, 2022.



Fonte: Instagram da artista (@wanessadedoverde)

Figura 16- Fotografia das obras Autorretrato (2022) e Antes de deixar tudo ir (2023), que fizeram parte da exposição individual de Wanessa Dedoverde.



Fonte: Acervo pessoal

As ilustrações de Ana Novais são outra fonte de inspiração, abordando predominantemente a representação feminina, um tema presente em minha poética artística. O que mais me cativa é sua habilidade de transmitir profundidade, surrealismo e uma aura de magia em seus trabalhos. Ana incorpora o pontilhismo de maneira meticulosa e delicada, adicionando detalhes que enriquecem visualmente suas criações, tornando-as ainda mais envolventes (figuras 17 e 18).

Tradicionalmente, suas ilustrações são feitas com nanquim, aquarela e guache sobre papel de algodão e surgem de sua pesquisa pessoal sobre simbolismo, conceitos emocionais e mitos femininos ao longo da história. A técnica que Novais utiliza, especialmente a forte presença da cor preta, inspira-me a criar uma atmosfera introspectiva e contemplativa, evocando um sentimento de mistério e reflexão. Essa abordagem incentiva o observador a explorar as nuances e emoções presentes nas representações femininas e infantis que ganham vida em minhas criações.

Figura 17- Epifania: o caminho se abre azul. 2020

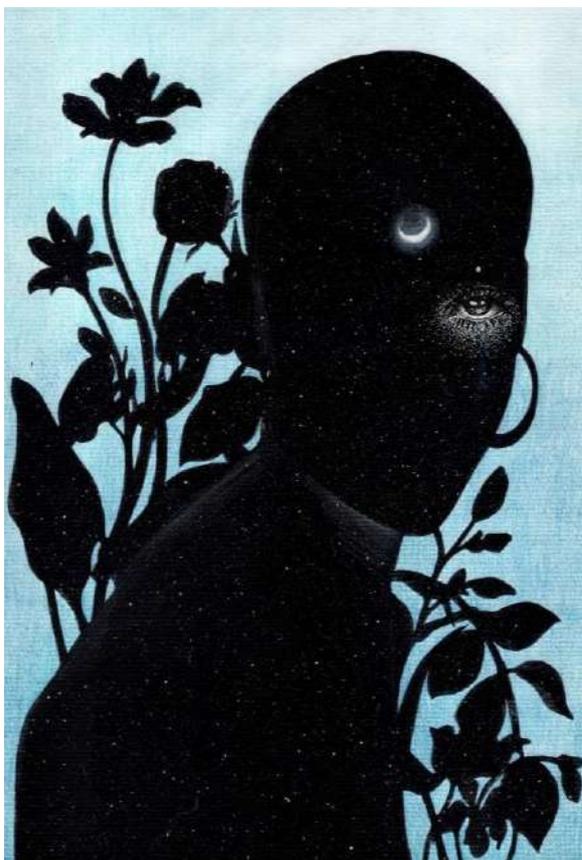


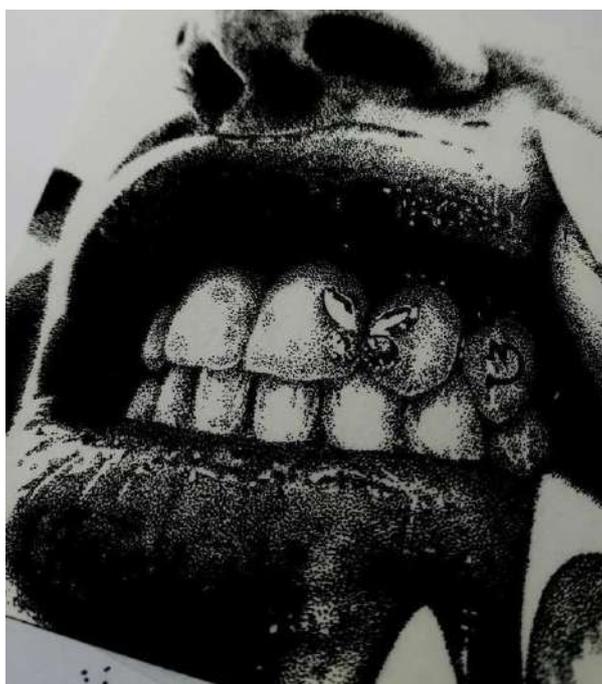
Figura 18 - Enlaces. 2018



Se analisarmos a história da arte, é possível perceber a ausência significativa de mulheres artistas, e no pontilhismo isso não é diferente. Durante séculos, as mulheres foram muitas vezes marginalizadas, tanto no reconhecimento quanto na participação ativa nas escolas de arte e movimentos artísticos. No entanto, a luta por visibilidade e igualdade gerou importantes rupturas. Nesse contexto, é importante destacar algumas referências artísticas femininas no pontilhismo, como Ana Novais e Wanessa Dedoverde, que me inspiram com suas potências criativas, utilizando a unidade de comunicação visual mais simples e irredutivelmente mínima, como defende Dondis (2003). Através de suas obras, essas artistas não apenas ampliam os horizontes da técnica, mas também enriquecem a narrativa da arte, mostrando que, apesar das barreiras históricas, a contribuição feminina para o pontilhismo e outras formas de arte é tão rica quanto inovadora.

Além disso, os trabalhos de diversos outros artistas (figuras 19 e 20), encontrados em plataformas online como Pinterest e Instagram, também servem como fonte de inspiração visual. A variedade de estilos, técnicas e temas presentes nessas plataformas estimula minha criatividade e me incentiva a experimentar ainda mais dentro do universo do pontilhismo. Essas imagens despertam novas ideias e trazem à tona lembranças e experiências que carrego comigo, enriquecendo meu repertório criativo (Mello, 2012).

Figura 19- Butter-Lie, obra de nchlsdrog, 2023.



Fonte: Instagram do artista (@nchlsdrog).



Fonte: Instagram do artista (@emmanuelrynz).

O escritor e jornalista norte-americano Matt Richtel, em seu livro *Inspiração: Entendendo a criatividade*, lançado em 2023, afirma que toda criação artística se apoia em obras anteriores. Pequenas inspirações, quando somadas à nossa habilidade, podem gerar novas ideias e formar um ciclo virtuoso. Dessa forma, estar em contato com o trabalho de outros artistas — sejam eles já estabelecidos ou emergentes — é uma fonte inesgotável de estímulo e aprendizado.

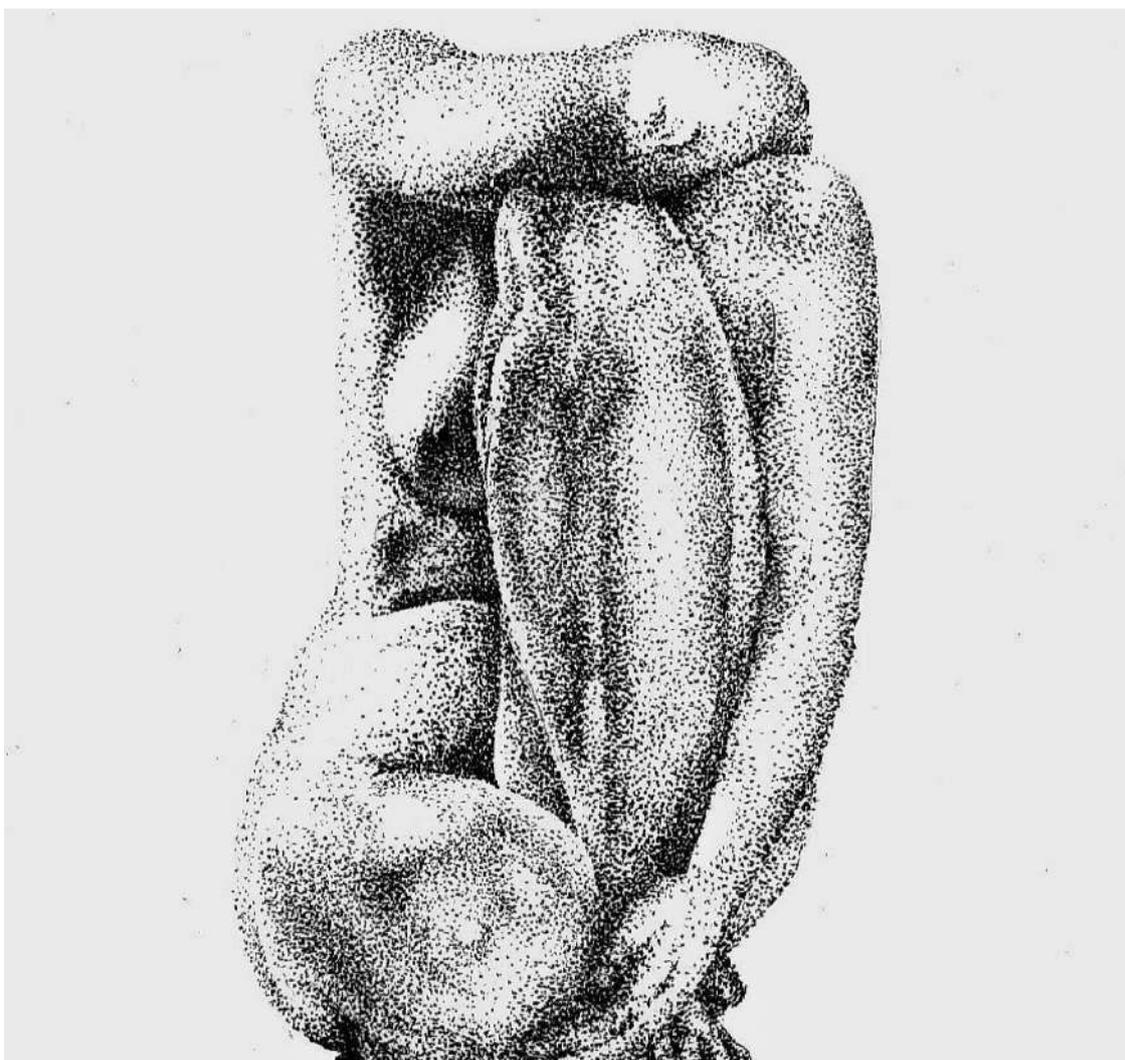
Esse pensamento está alinhado às reflexões de Ostrower (2014, p. 72), que descreve: “o ser sensível como um espelho d’água encrespado ao mais ligeiro vento, onde uma pedrinha jogada ao acaso traça ondas em círculos sempre crescentes.” Assim, tanto Richtel (2023) quanto Ostrower (2014) ressaltam a importância da conexão e da interação com as experiências alheias como catalisadores da criatividade.

2.2 Temas

A partir dessa riqueza de influências, mergulho em diversos temas que dialogam entre si, explorando conceitos por meio do pontilhismo. Minhas ideias surgem de referências visuais, experiências pessoais, memórias da infância e laços afetivos. Esse processo é amparado pelas reflexões de Ostrower (2014, p. 73), que afirma: “existem momentos em nossas vidas — conscientes, pré-conscientes e inconscientes — de grande intensidade emocional, capazes de induzir em nós novas forças, estimular todo nosso ser, trazer novas ideias e reorientar nosso caminho.”

Desde que comecei a explorar o pontilhismo, em 2017 (figura 21), tenho me dedicado a temas que refletem minha visão de mundo e aspectos pessoais do meu cotidiano (Richtel, 2023). Minha abordagem a esses temas evoluiu ao longo dos anos, acompanhando tanto meu crescimento como artista quanto minhas experiências de vida.

Figura 21- Armadura, 2017. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21,0 mm (tamanho A5).



Fonte: Acervo Pessoal

Neste mesmo ano, desenvolvi uma série de trabalhos sobre a complexidade das experiências humanas, abordando a introspecção, a solidão e a resiliência por meio da representação de mulheres e crianças. Essa exploração se alinha à ideia de que o desenho é um método de autodescoberta e investigação de si, conforme defende Edwards (2021). Para dar forma às minhas obras, revisito minhas lembranças e experiências mais íntimas,

vasculhando memórias e emoções para expressá-las visualmente. As obras apresentadas nas figuras 22 e 23 exemplificam esse pensamento, convidando o espectador a refletir sobre sua própria natureza humana e suas particularidades.

Figura 22 - Reconhece-te a ti mesmo, 2017. Caneta nanquim sobre papel Canson, 10,5 x 14,8 cm (tamanho A6).



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 23- Filha da visão que mira dentro, 2017. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4)."



Fonte: Acervo Pessoal

Desde 2018, venho explorando a temática da odontologia e seus cuidados — ou a falta deles — em minhas obras, refletindo aspectos significativos da minha vida pessoal que se entrelaçam com minha confiança, autoestima e dores. Criar pode ser doloroso (Richtel, 2023), pois as criações revelam como você vê e se sente em relação ao mundo (Edwards, 2021, p. 325). Nesse sentido, por meio dos desenhos, exponho meus problemas e imperfeições dentárias e suas consequências emocionais, criando a partir da dor física e psicológica.

Essa exploração pessoal se alinha ao trabalho de diversos artistas que, ao longo da história da arte, abordaram a odontologia em suas obras. Um exemplo é a pintura “Extrator de Dente” (figura 24), de Michelangelo Merisi (1571–1610), conhecido como Caravaggio, audacioso pintor italiano que atuou por volta de 1600 (Gombrich, 1999). Essa obra figurativa apresenta uma cena cotidiana com efeito quase caricatural: o dentista se contrai em uma careta de esforço, enquanto as pessoas à sua volta exibem uma variedade de reações, como espanto e curiosidade. Por meio dessa imagem, Caravaggio registra a dor, o esforço e o entretenimento que envolviam as extrações dentárias na época.

Figura 24- Extrator de dente, 1609, de Caravaggio.



Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/caravaggio/arrancador-de-dente-1609>



Fonte: <https://www2.dentalclub.it/odontoiatria-nellarte-parte-i/>

Figura 26- O Dentista, 1622, de Gerard Van Hontgorst.



Fonte: <https://dentalpress.com.br/porta/a-arte-para-registrar-a-arte-da-odontologia-grandes-pintores-que-ja-retrataram-dentistas/>

Nesse sentido, Rubin (2023) observa que é na diversidade e nas imperfeições que reside a fonte de interesse, tanto em nós mesmos quanto em nosso trabalho artístico. Ele destaca que, ao incorporar nossas inseguranças e imperfeições na criação, conferimos maior autenticidade às nossas obras. Ao escolher retratar essa experiência pessoal, meu objetivo ultrapassa o simples compartilhamento de um conteúdo visual; busco também explorar os aspectos emocionais associados a ela, refletindo sobre o que Gombrich (1999) descreve como a “expressão das emoções”.

Dito isso, ao abordar esse tema, desejo que o público que tenha acesso às minhas obras observe e acolha as pequenas “imperfeições” por meio do elemento mais simples da sintaxe visual: o ponto. Com essa simplicidade, pretendo transmitir uma mensagem que convide à meditação e à conjectura (Gombrich, 1999). O uso do pontilhismo, com sua delicadeza, contribui para a quebra da estética provocada pelo tema, estimulando a contemplação das sutilezas e peculiaridades das imperfeições dentárias desde a infância. Como observa Gombrich (1999, p. 24), “a paciência e a habilidade que contribuem para a reprodução fiel do mundo visível são, por certo, dignas de admiração”. Essa técnica exige grande paciência e habilidade na aplicação dos pontos, o que, mesmo que a temática não agrade a todos os espectadores, mantém sua atenção presa pela proximidade do desenho figurativo com a realidade (figuras 27 e 28).

Figura 27- O que eu quero para o mundo, 2018. Caneta nanquim sobre papel Canson, 10,5 x 14,8 cm (tamanho A6).



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 28 - A fada do dente não existe, 2018. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4).



Fonte: Acervo Pessoal

Em 2020, continuei representando crianças, expondo sentimentos e compartilhando-os com o mundo. Para representar esse período, escolhi a obra *Se o Galo Cantar* (figura 29), que retrata a influência e imposição familiar presente desde cedo em nossas vidas, simbolizada pela mão que toca o rosto da criança.

O título da obra faz referência à cultura interiorana, uma parte fundamental da minha vida que me acompanha desde o nascimento, pois sempre morei no interior. Associado ao anúncio de um novo dia, o canto do galo representa renovação e esperança. Essa conexão com a cultura e a tradição encontra eco nas palavras de Ostrower (2014, p. 146), que afirma: “As influências culturais existem sempre.” Assim, o título não apenas nomeia a obra, mas também a carrega a ideia de um recomeço, convidando o espectador a refletir sobre a passagem do tempo e as oportunidades que cada novo amanhecer oferece.

Figura 29- *Se o Galo Cantar*, 2020. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5).



Fonte: Acervo Pessoal

Nos últimos anos, mais especificamente entre 2019 e 2024, tenho revisitado temas abordados em trabalhos anteriores que continuam a ressoar profundamente em mim, como a representação de figuras femininas e crianças. Essa prática se tornou um verdadeiro escape, uma forma de desabafo que aliviou a angústia iniciada durante a pandemia de COVID-19 e que ecoa até hoje. Criar em meio ao caos tornou-se uma maneira de encontrar algum tipo de ordem e beleza em tempos tão desafiadores, além de refletir sobre a fragilidade das relações, da vida e das emoções que moldam nossa existência.

Foi nesse período que realmente compreendi que fazer arte é difícil. Reconhecer a repetição de temas, lidar com desenhos inacabados e vencer o medo de criar se tornaram desafios constantes. A falta de apoio e o julgamento alheio pesavam sobre mim, e, em meio a tantas incertezas, descobri que fazer arte é também trabalhar diante do medo, lutando contra a sensação de que o destino está em nossas mãos, mas nossas forças são limitadas. Senti-me “fraca” e minha produção diminuiu drasticamente. Afinal, por que fazer arte quando estou tão próxima da dor? Da minha dor e da dor do outro.

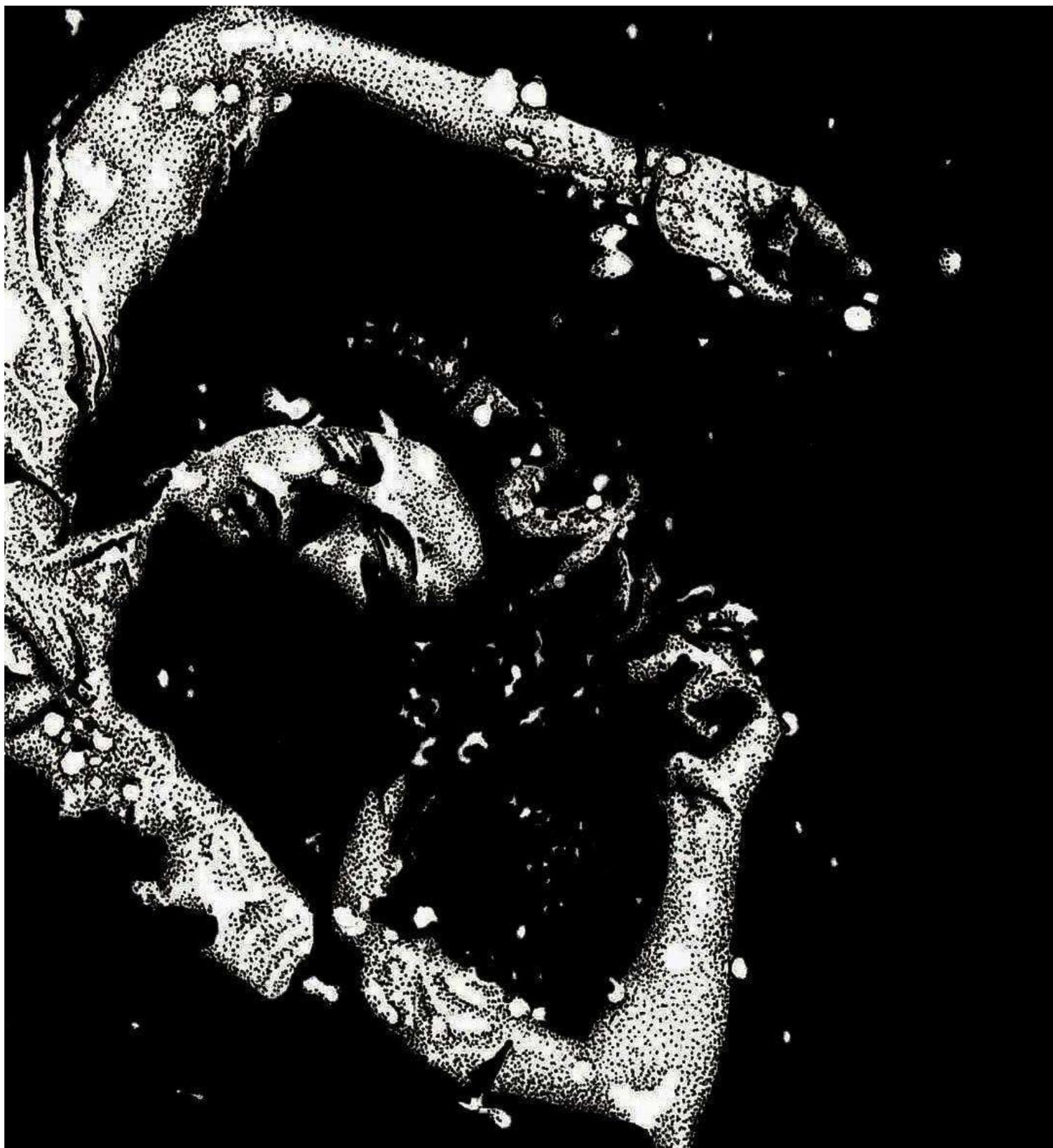
Esses anos foram marcados por um mergulho ainda mais profundo na minha arte, buscando processar a complexidade das emoções humanas nesse cenário turbulento. Como menciona Ostrower (2014), criar é tão difícil ou tão fácil quanto viver e, ao mesmo tempo, necessário. A criação artística se articula principalmente através da sensibilidade, revelando que os processos criativos estão intimamente ligados ao nosso ser sensível. Gombrich (1999) ressalta que o artista, enquanto ser sensível, pode sofrer verdadeira angústia diante de um problema ou situação, refletindo sobre isso durante noites de insônia.

As figuras 30 e 31 representam a inércia: estar parado e sentir, sentir até se transformar; a transformação da inércia e o dissipar da dor de se sentir incapaz de canalizar a criatividade. Com o passar do tempo, refinei esses pensamentos existenciais intensos, de modo a fincar meus pés de volta à terra e manter o peito forte. Consegui por pouco tempo, mas cada dia trouxe novas oportunidades de renovação e crescimento, fazendo da arte um refúgio e um caminho para a resiliência (figuras 32 e 33).

Figura 30 - Detalhe da obra 'Tenaz I', 2019. Caneta nanquim sobre papel Canson, 29,7 x 42 cm (tamanho A3).



Figura 31- Detalhe da obra: 'Tenaz II', 2019. Caneta nanquim sobre papel Canson, 29,7 x 42 cm (tamanho A3)."



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 32- Resistir, 2020. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4).



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 33 - Cada um é o que sobrou de ontem, o que restou de tudo, 2021, Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4).

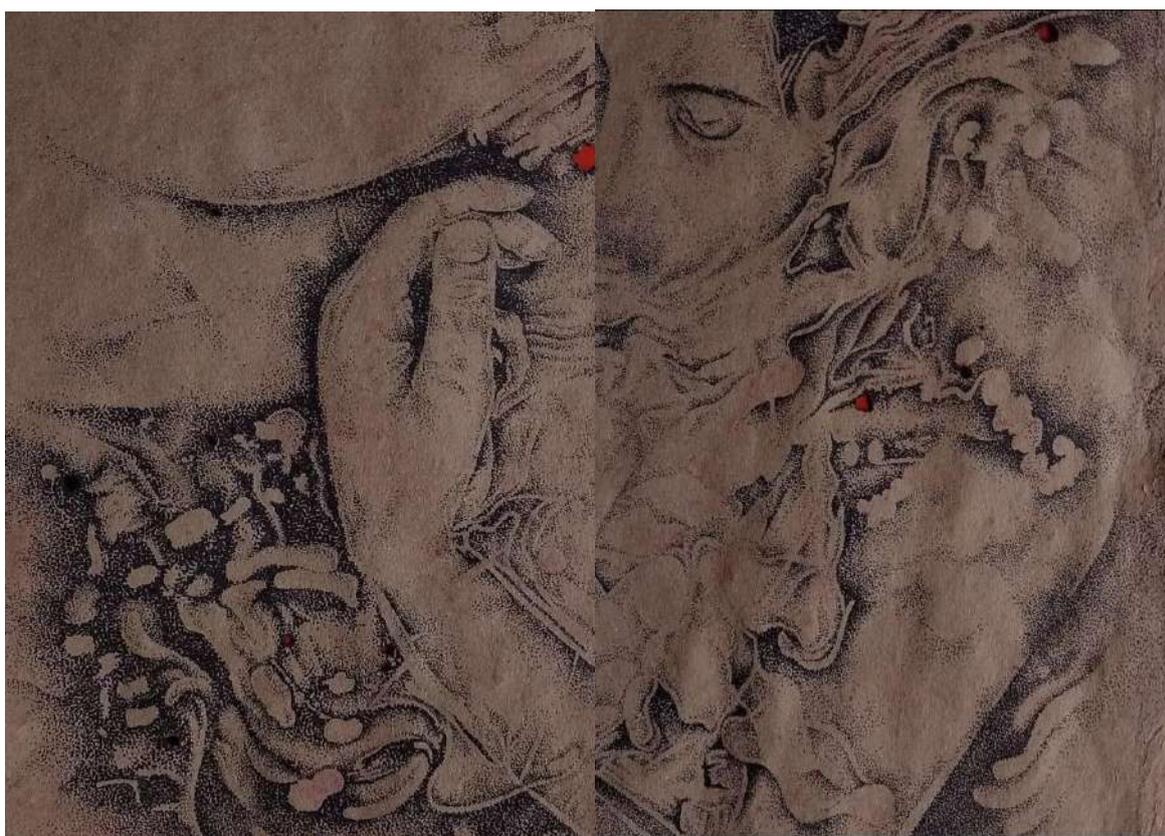


Fonte: Acervo Pessoal

Essa fase turbulenta trouxe consigo um intenso desejo de desistência, uma luta interna comum a muitos artistas. Entre 2020 e 2023, vivi um hiato criativo, durante o qual minha produção se restringiu a apenas duas obras em pontilhismo.

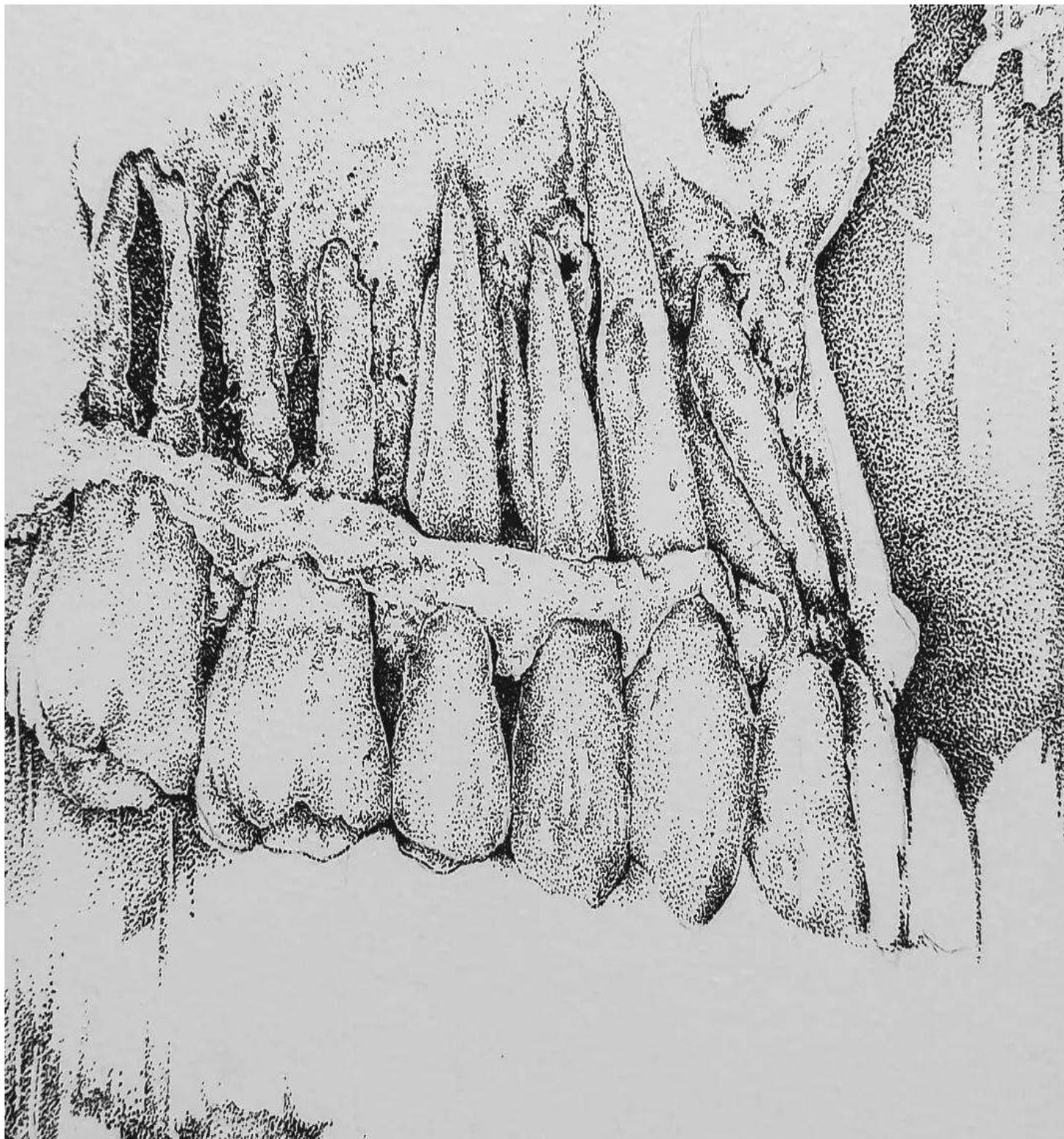
A primeira, intitulada *Cíclico ou aquilo que sempre volta* (figura 34), simboliza a repetição e o retorno constante aos meus sentimentos mais profundos. Já a segunda, *Expostas* (figura 35), representa uma tentativa de abrir as portas da vulnerabilidade, compartilhando emoções que muitas vezes permanecem ocultas.

Figura 34 - *Cíclico ou aquilo que sempre volta*. Caneta nanquim sobre papel de envelope, 29,7 x 42 cm (tamanho A3).



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 35 - Expostas, 2023. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4)."

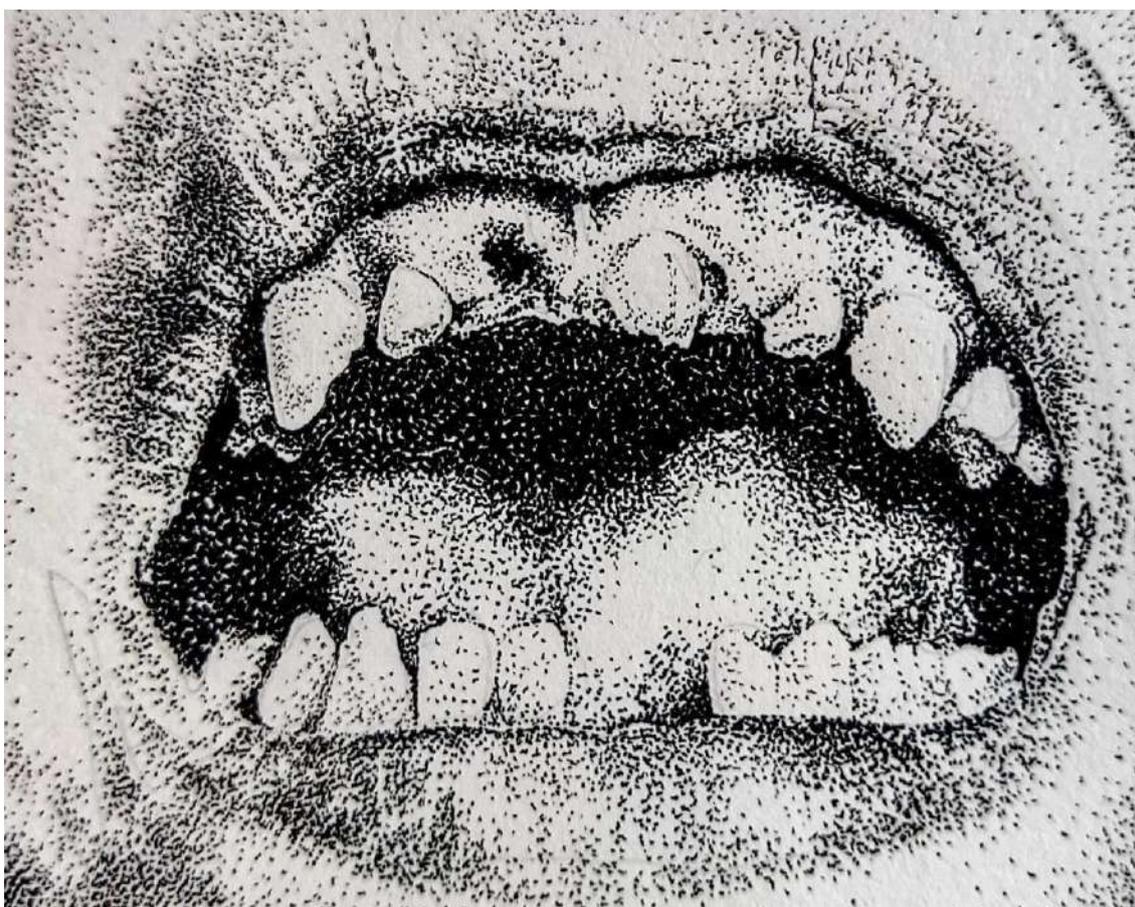


Fonte: Acervo Pessoal

Em 2024, retomei a produção artística com uma frequência renovada, especialmente em comparação aos dois anos anteriores, inspirada pelos trabalhos dos artistas que mencionei anteriormente. Deixei de lado as dúvidas que me atormentavam e, assim, consegui enxergar com clareza o que havia criado, permitindo-me decidir com mais confiança os próximos passos.

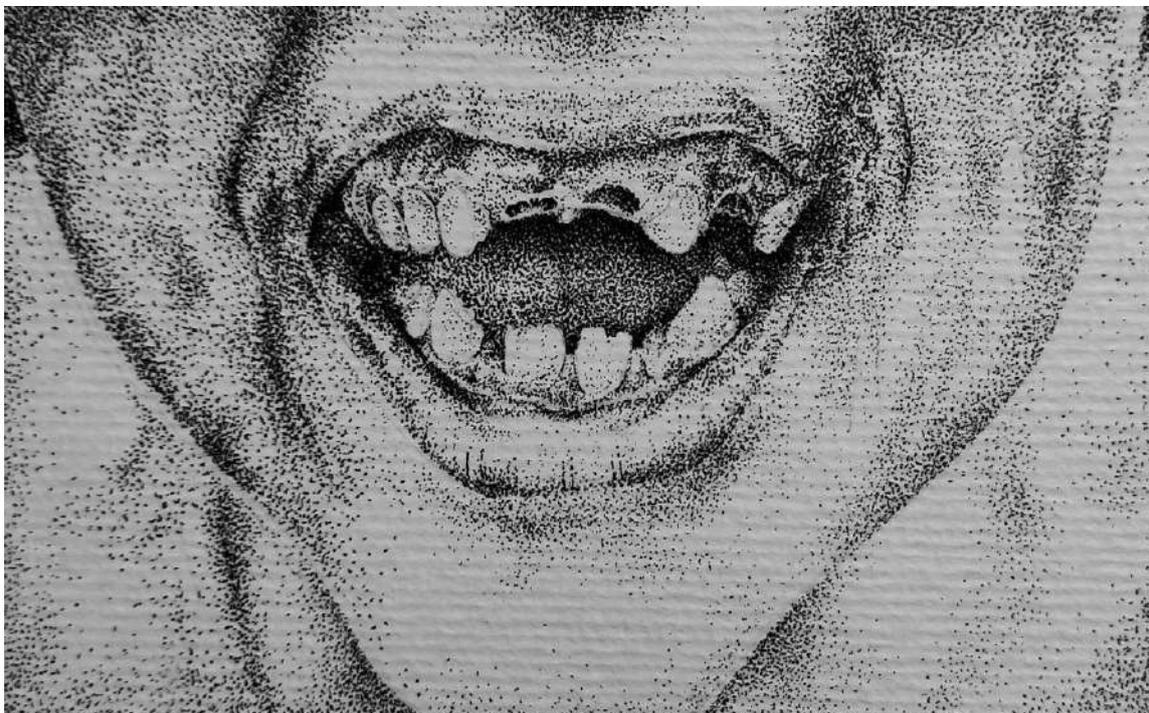
Minha trajetória se alinha aos pensamentos do fotógrafo britânico David Bailey e do artista visual Ted Orland, que, em seu livro *Arte e Medo* (2024), abordam a ideia de que trabalhar na obra que se deseja implica nutrir-se da própria criação e de referências inspiradoras.

Figura 36- Avaliação, 2024. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5).



Fonte: Acervo Pessoal

Figura 37 - Quando os dentes caem, 2024. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 14 cm.

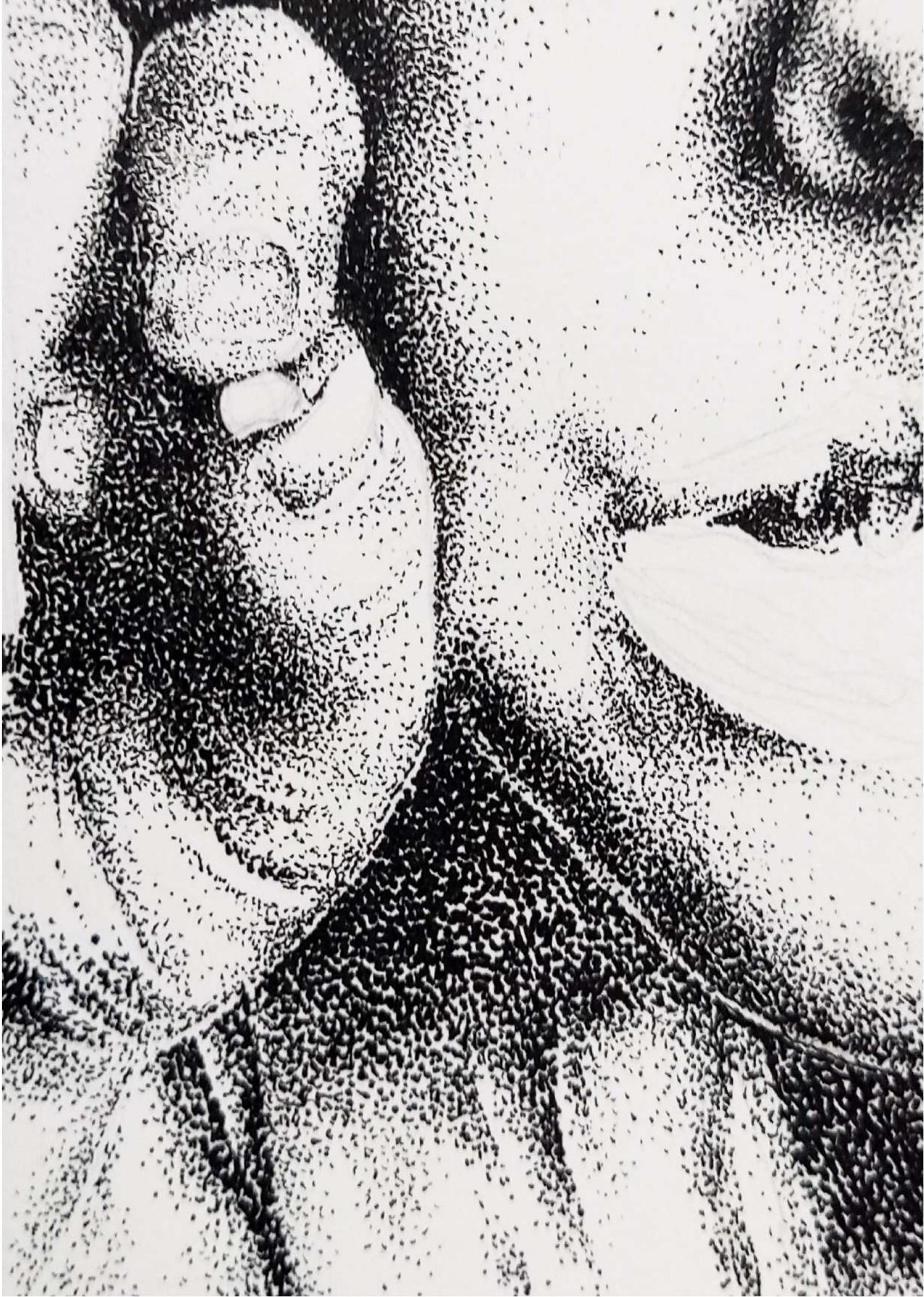


Fonte: Acervo Pessoal

Neste capítulo, apresentei exemplos que ilustram como transformo minhas inspirações em arte, incorporando temas e conceitos significativos para mim. Essa trajetória reflete meu percurso enquanto ser pensante, que resiste e titubeia em meio às incertezas. Em resumo, minha jornada artística tem sido uma exploração dos temas que me atravessam, criando um ciclo no qual posso visitar constantemente essas questões, sempre a partir de uma nova perspectiva, como discute Julia Cameron em seu livro *O caminho do artista* (2017). Para a autora, esse processo de visitar é essencial para o crescimento pessoal e artístico, permitindo que nos conectemos de forma mais profunda com nossas criações.

Cada obra que criei representa uma oportunidade de crescimento e expressão criativa, compartilhando experiências pessoais que podem ressoar com outras pessoas, provocando reflexões e emoções nos espectadores. Essa conexão entre a obra e aqueles que a observam é fundamental para o meu trabalho, estabelecendo um diálogo constante entre o presente e o passado, como sugere Rubin (2023) em seus estudos.

No próximo capítulo, intitulado “Esboço”, compartilharei o processo de concepção e planejamento por trás das minhas criações, revelando os bastidores de como transformar ideias em obras de arte tangíveis.



3 CAPÍTULO 2 - ESBOÇO

No universo da criação artística, o esboço assume um papel fundamental como ponto de partida para a materialização de ideias e conceitos. Segundo Márcia Poester (2012), artista e educadora reconhecida na área, o esboço atua como um guia essencial, orientando o processo criativo e permitindo que as ideias evoluam de maneira mais estruturada. Ao nos depararmos com uma folha em branco, o esboço se apresenta como um convite à experimentação. Edwards (2021) destaca que o esboço inicial é crucial para desbloquear o potencial criativo do lado direito do cérebro, permitindo uma exploração mais profunda das capacidades visuais inatas. Ele captura, além das formas visuais, os gestos humanos sobre a superfície sensível do papel, transmitindo nossas emoções e sensações. Nesse espaço de liberdade, as ideias ganham vida, adaptando-se ao longo do processo criativo.

Os materiais utilizados durante esse processo destacam-se como os meios pelos quais as ideias se realizam. Como ressalta Edwards (2021), a escolha dos materiais é de grande importância, pois pode afetar diretamente o resultado de uma obra, dependendo do efeito desejado. Assim, em vez de simplesmente servirem como ferramentas, os materiais — mesmo os mais simples — assumem uma relevância maior, tornando-se uma extensão da criatividade e da expressão do artista. Além disso, é fundamental considerar os materiais disponíveis e o espaço criativo, que muitas vezes são limitados por questões financeiras.

Neste capítulo, compartilharei detalhes sobre meu ambiente de trabalho, os materiais e as técnicas que utilizo, revelando como transformo minhas ideias em algo físico — um processo que, como destaca Ostrower (2014), é, basicamente, dar forma a algo — ou seja, criar.

3.1 O Espaço Criativo

Meu espaço criativo é modesto e está localizado no meu próprio quarto (figura 38). Na mesa, que também serve de escrivaninha, uma parte da minha jornada artística se desenrola. A iluminação é simples, dependendo principalmente da luz natural do ambiente e, ocasionalmente, de uma pequena luminária de mesa que me acompanha nas

noites de criação. Apesar das limitações, é neste ambiente que dou forma às minhas criações.

Figura 38- Desenhando no meu espaço criativo



Fonte: Acervo pessoal

Como observa Maria Lúcia Cargin Facco, em seus estudos sobre o ateliê como espaço de criação (2017), o espaço criativo vai além de um simples local físico; é um ambiente destinado ao trabalho, à criatividade e à experimentação, onde as ideias amadurecem e se desenvolvem. Marisa Flórido Cesar (2022), crítica de arte e curadora, destaca o fascínio que o ateliê do artista exerce, sugerindo que, ao ingressar nesse espaço, espera-se penetrar em um “espaço sagrado da criação artística”, onde se pode testemunhar “o momento intrigante da epifania da obra” e flagrar o artista em sua intimidade secreta.

Embora meu ateliê improvisado seja o meu quarto, encontro oportunidades para criar em diversos ambientes, como no trabalho ou na universidade. Aprendi a adaptar-me a condições modestas, especialmente em relação aos materiais artísticos. Foi durante o processo de esboço que percebi que a falta de um ambiente idealizado não compromete o trabalho inicial. No entanto, essa ausência pode influenciar a qualidade técnica em uma finalização; um ambiente desconfortável, afinal, dificulta a concentração e afeta a produtividade.

3.2 Materiais

Podemos desenhar utilizando apenas materiais simples e versáteis (Edwards, 2021). Os autores Wagner¹, Allegretti² e Lemos³ (2017) defendem a ideia de que não há uma escolha errada na seleção dos instrumentos de desenho, enfatizando a importância da experimentação para encontrar as melhores ferramentas de acordo com o trabalho em questão. O papel, por exemplo, é um material fundamental e democrático, disponível em uma infinidade de texturas, formatos e espessuras. Assim, não se pode classificar o papel como bom ou ruim, mas entender sua aplicação em situações específicas. Com isso em mente, opto por uma abordagem flexível, utilizando lápis comuns de grafite em duas graduações — 6B para tons mais escuros e HB para linhas mais suaves — além de papel Canson levemente texturizado, disponível em blocos de folhas ou cadernos para desenho, estilete e borracha branca (figura 39). Prefiro esse papel porque sua textura realça os detalhes da obra e retém bem a tinta nanquim das canetas, garantindo um acabamento preciso.

Figura 39 - Materiais



Fonte: Acervo pessoal

Essa seleção de materiais acessíveis atende às necessidades práticas e proporciona total liberdade para explorar ideias e composições de forma criativa. Como afirmado por

¹ **Juliana Wagner:** Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, especialista em Iluminação e Design de Interiores.

² **Carla Andrea Lopes Allegretti:** Bacharel em Desenho e Plástica, com mestrado em Engenharia de Produção.

³ **Diana Scabelo da Costa Pereira da Silva Lemos:** Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, mestre e doutora em Ciências, com foco em Engenharia de Transporte.

Rubin (2023), o verdadeiro instrumento para criar não está nas ferramentas que utilizamos, mas em nós mesmos. É através de nossa própria essência que o universo ao nosso redor ganha clareza e forma.

Embora esses materiais sejam simples, eles são essenciais para o meu processo criativo, oferecendo a base necessária para transformar minhas ideias em obras palpáveis. Cada item desempenha um papel único, desde os lápis que marcam os contornos iniciais até a borracha que permite ajustes finos. A qualidade e a versatilidade desses materiais garantem que eu possa expressar minha visão artística de maneira única.

3.3 Processo de esboço

Durante a criação inicial dos meus desenhos, o esboço desempenha uma função muito importante, servindo como uma fase preparatória e uma forma de liberar a criatividade. Edwards (2021) afirma que o esboço é uma ferramenta poderosa para “desligar” o lado esquerdo do cérebro, que tende a ser crítico e analítico, permitindo que o lado direito, mais intuitivo e visual, assumo o controle.

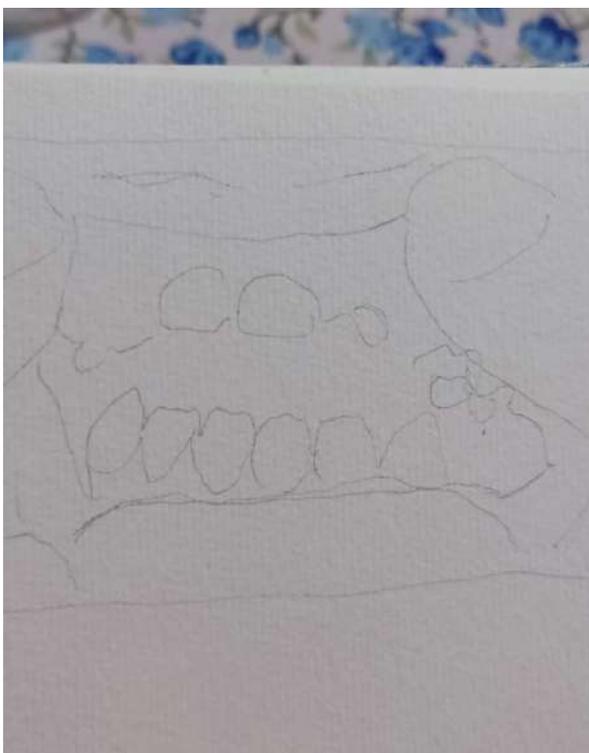
Ao realizar o esboço, utilizo as linhas como indicações das sombras e volumes que desejo destacar na obra final. Essa técnica ajuda a visualizar a composição e facilita a adição de profundidade e realismo aos desenhos. Além disso, as imagens de referência são fundamentais nesse processo. Essas referências podem ser fotografias, observações diretas da natureza ou obras de outros artistas. Essas fontes fornecem detalhes importantes que orientam o traço do lápis e a construção da composição, contribuindo para dar vida à interpretação artística desejada.

Aqui, compartilharei algumas imagens dos meus esboços, oferecendo uma visão mais íntima do meu processo criativo. Essas imagens não apenas mostram o estágio inicial da obra, mas também evidenciam a evolução das ideias e como elas se desenvolvem ao longo do tempo. Desde os primeiros rascunhos até os esboços mais refinados, cada imagem conta uma história sobre a jornada criativa de cada obra de arte.

Divido o esboço para o pontilhismo em dois tipos: primeiros rascunhos e esboços refinados. Os primeiros rascunhos marcam o estágio inicial do meu processo criativo, onde as ideias estão sendo exploradas e delineadas pela primeira vez (figura 40). Nesta fase, minha abordagem é simples, focando apenas na demarcação das formas básicas no papel. Opto por essa simplificação, pois o esboço em pontilhismo não precisa ser

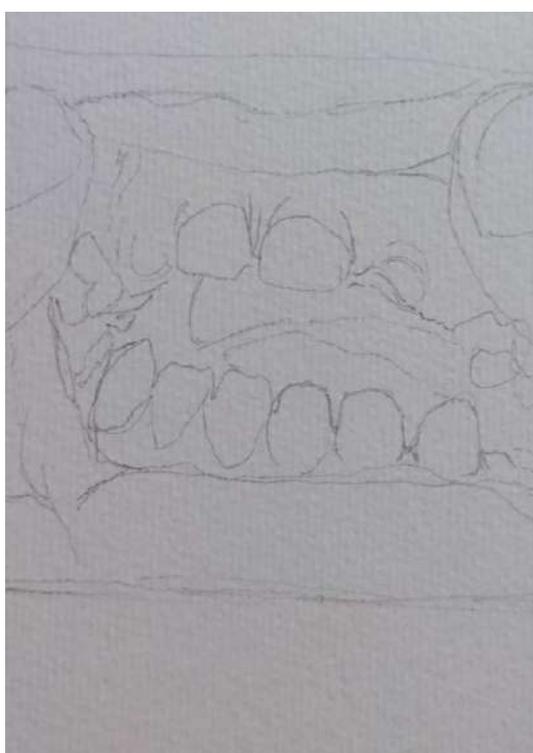
altamente detalhado, já que ele se disfarça entre os pontos que serão aplicados posteriormente.

Figura 40 - Esboço simplificado



Fonte: Acervo pessoal

Figura 41 - Esboço intermediário

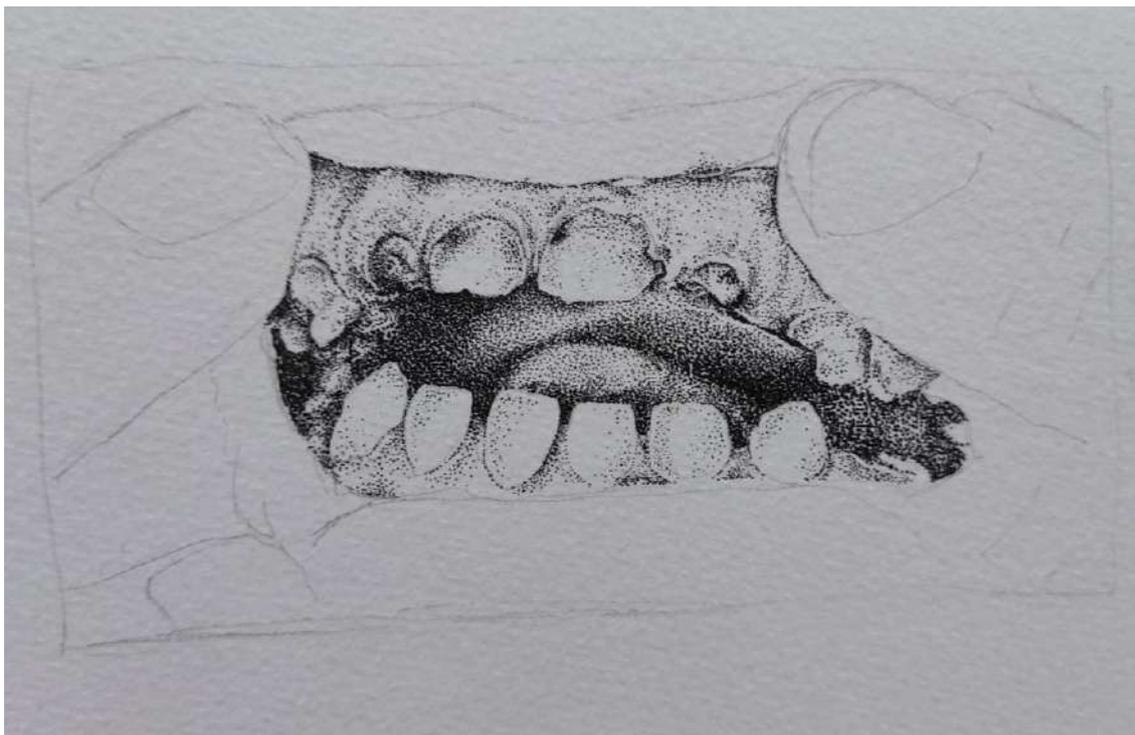


Fonte: Acervo pessoal

Os esboços mais refinados são aqueles em que começo a dar mais forma e detalhe aos meus desenhos (figura 41). Nessa fase, a composição começa a tomar forma e os elementos visuais são mais trabalhados. Costumo usar esse tipo de esboço como uma etapa final antes de iniciar o pontilhismo, quando já tenho as marcações necessárias para começar a construir a imagem ponto a ponto.

Ao observar as imagens anteriores (figuras 40 e 41), é possível perceber que elas passam por uma sutil transformação à medida que o trabalho avança. Uma característica marcante desses esboços é a maneira como o desenho inicial, feito de forma simples, desaparece gradualmente sob uma camada de pontos minúsculos, sem a necessidade de apagá-lo com borracha, como podemos observar na imagem a seguir (figura 42).

Figura 40 – Exemplo de integração do esboço no sombreamento.



Fonte: Acervo pessoal

Entendo que uma das belezas do pontilhismo reside no desaparecimento gradual do esboço à medida que a obra se desenvolve. Nesse contexto, o esboço, que muitas vezes é apenas uma sugestão das formas a serem representadas, atua como um guia discreto. À medida que os pontos são adicionados, essa estrutura inicial se mescla organicamente à textura, quase desaparecendo.

Essa técnica facilita a criação e acrescenta um toque especial à obra. Mesmo enquanto o esboço se dissolve na composição, vestígios das linhas que o formavam permanecem visíveis entre os pontos, criando uma conexão sutil entre o que é visível e o que está sugerido nas entrelinhas. Como observa Edwards (2021), muitos esboços de artistas famosos conservam vestígios de linhas estruturais, evidenciando como esses elementos podem coexistir de forma harmoniosa no processo criativo.

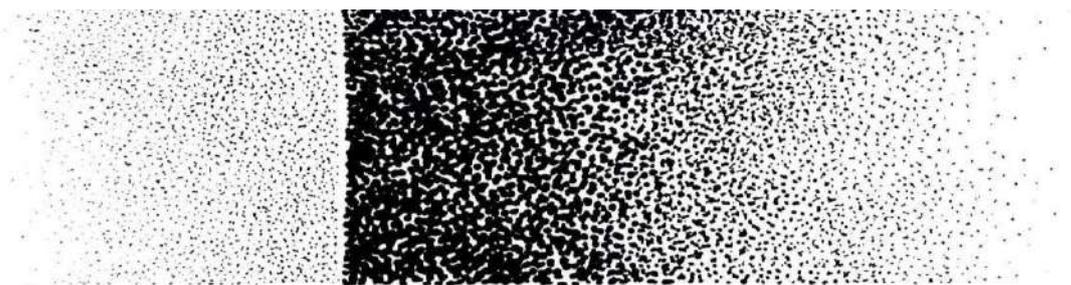
3.4 Processo de sombreamento no Pontilhismo

As técnicas de sombreamento no pontilhismo baseiam-se na variação do tamanho dos pontos, na densidade e na construção de camadas (Dondis, 2003). Edwards (2021) sugere que, ao concentrar-se nas sutilezas da luz e sombra, a artista ativa os processos visuais do lado direito do cérebro, que são muito eficazes para captar detalhes e nuances. Essa percepção é fundamental no pontilhismo, pois o sombreamento é construído de maneira gradual, com pontos cuidadosamente organizados para criar áreas de maior contraste e profundidade.

De acordo com Wagner, Alegretti e Lemos (2017), a qualidade do trabalho artístico reside no acabamento das figuras, que utilizam variáveis de luz e sombra. O contraste entre arestas e planos é essencial para a compreensão das formas, sendo crucial estudar a figura para a correta aplicação de sombras. Essas sombras são importantes para diferenciar as partes mais próximas e distantes da composição. Além disso, a demonstração de vazios por meio de áreas claras é tão significativa quanto a demarcação dos espaços cheios, que podem ser representados por diversas técnicas, como grafite, esfumado ou pontilhados. Os vazios podem ser evidenciados pela ausência de cor ou preenchimento.

Para criar sombras sutis, recomenda-se utilizar pontos menores e mais próximos uns dos outros, aumentando gradualmente o espaçamento conforme a área se clareia. Para sombras mais intensas e contrastantes, costuma-se utilizar pontos maiores e mais densos, empregando diferentes espessuras de canetas para facilitar o trabalho, se assim couber na obra. A transição entre diferentes áreas de sombra e luz é alcançada com a aplicação cuidadosa de pontos de tamanhos variados, garantindo uma gradação suave e natural através das camadas.

Figura 41- Variação de Pontos (Sombra sutil, Sombra Intensa e Transição Suave)



Fonte: Acervo pessoal

Figura 42 - Fotografia das canetas com pontas de diferentes espessuras



Fonte: Acervo pessoal

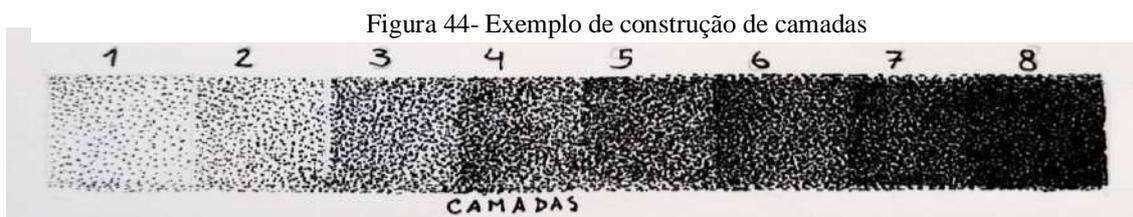
No pontilhismo, é amplamente reconhecido que utilizamos pontos para compor a obra, mas a maneira como esses pontos são dispostos faz toda a diferença. A direção dos pontos pode alterar nossa percepção das texturas, formas e volumes presentes no desenho. Na figura 45, podemos observar que, mesmo utilizando o ponto — defendido por Dondis (2003) como a unidade mais simples da comunicação visual — a textura da pele, das unhas e da roupa são distintas e se aproximam da realidade. Essa diferença se deve à direção e ao padrão adotados na aplicação dos pontos.

Figura 43 – Exemplo de obra com direção e padrão dos pontos



Fonte: Acervo pessoal

Para o sombreamento no pontilhismo, é indispensável o uso de múltiplas camadas, tal qual o sombreamento com lápis grafite, pois são essas camadas que nos permitem alcançar um sombreamento mais rico e detalhado, seja com um contraste leve ou alto. Cada camada adiciona profundidade e intensidade à área sombreada. É essencial começar com uma camada leve e construir gradualmente a intensidade das sombras, adicionando pontos conforme necessário (figura 46).



Fonte: Acervo pessoal

O contraste é uma ferramenta poderosa no pontilhismo, alcançado por meio das camadas e da quantidade de tinta liberada pela caneta. Quanto maior a ponta da caneta, mais tinta é aplicada, e, conseqüentemente, mais escuro o desenho se torna. Manipular o contraste entre áreas escuras e claras permite guiar o olhar do espectador e destacar elementos importantes da obra. A gradação, ou transição gradual entre tons, é alcançada por meio da cuidadosa aplicação de pontos de tamanhos e espaçamentos variados.

Figura 45- Exemplo de obra com alto contraste

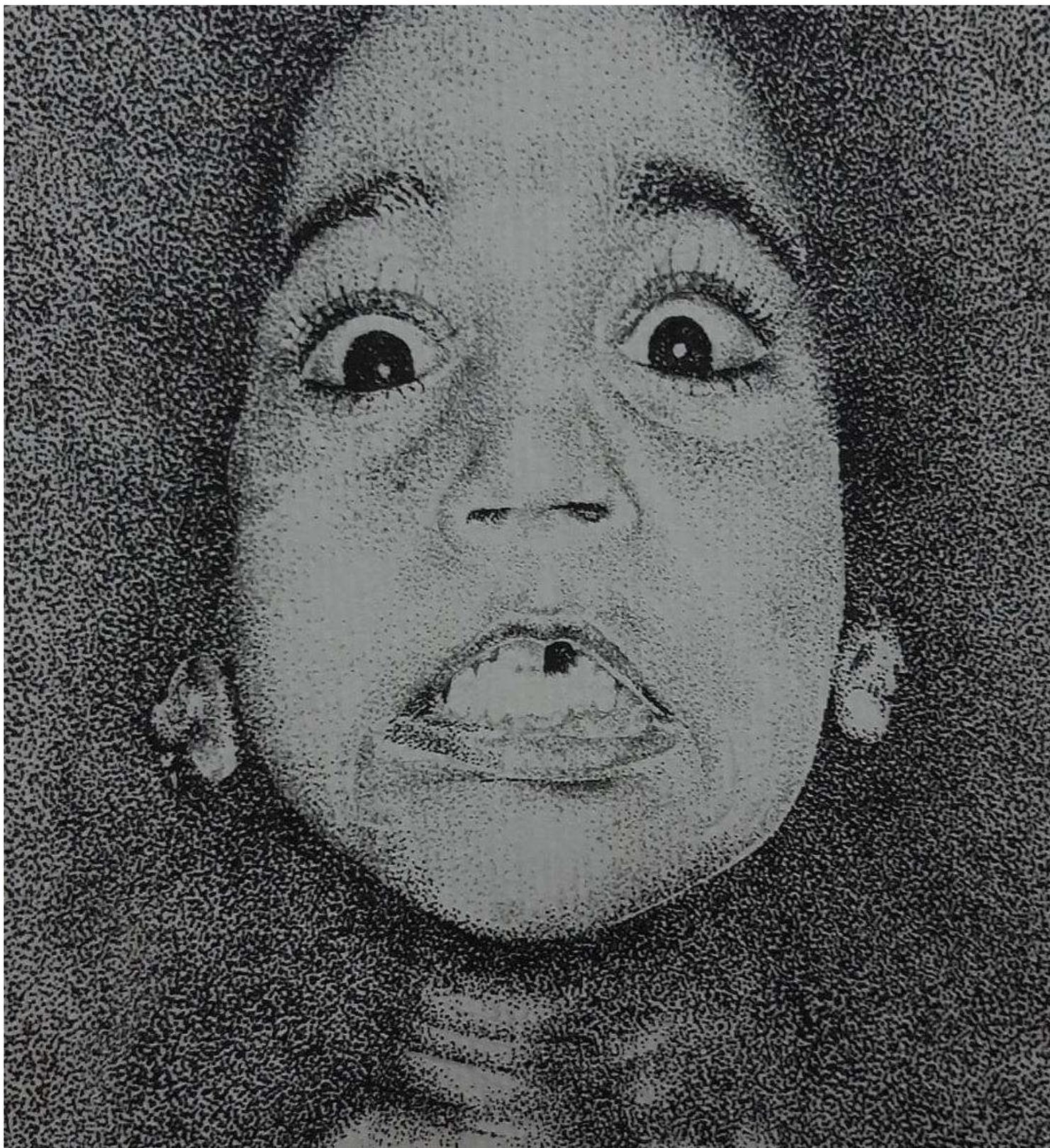
Armadilha, 2019. Caneta nanquim sobre papel Canson, 29,7 x 42 cm (tamanho A3).



Acervo pessoal

Figura 46 – Exemplo de obra com baixo contraste

Maria", 2020. Caneta nanquim sobre papel Canson, 21 x 29,7 cm (tamanho A4).



Acervo pessoal

Para obter maior controle sobre o sombreamento, utilizo canetas de diferentes espessuras. Canetas mais finas são ideais para trabalhos que exigem mais detalhes e áreas de transição suave, enquanto canetas mais grossas criam sombras mais marcadas e áreas de maior contraste. A escolha do papel é fundamental para o sucesso do sombreamento no pontilhismo. Considero que papéis de alta gramatura e com uma superfície ligeiramente texturizada são ideais, pois suportam bem a aplicação repetida de pontos, evitando que a tinta do nanquim se espalhe ou vaze, mantendo a nitidez e a precisão dos pontos.

Manter o equilíbrio visual é necessário para evitar que uma área da obra se torne visualmente sobrecarregada. Adoto uma abordagem gradual, pontilhando de maneira uniforme e observando constantemente o progresso em diferentes áreas. Essa prática permite ajustar a intensidade dos pontos conforme necessário, mantendo a harmonia visual ao longo do processo.

A precisão no pontilhismo requer uma mão firme. Para evitar a fadiga, faço pausas frequentes e retiro a tampa da caneta, o que proporciona maior leveza e estabilidade. Além disso, pratico mobilidade com o punho, dedos e cotovelo e busco trabalhar em um ambiente livre de distrações. Essas práticas minimizam as dores causadas pelo movimento repetitivo e ajudam a manter a qualidade do trabalho. Como observa Rubin (2023), a movimentação física pode estimular novas ideias, enquanto as distrações corroem a capacidade criativa.

Os erros são inevitáveis, mas podem ser incorporados na obra. Costumo integrar o erro na textura, transformando-o em uma parte intencional do desenho. Por exemplo, na obra abaixo (figura 49), pequenas manchas escuras próximas aos pés tornaram-se uma base para a sombra, adicionando profundidade e contraste à composição. Essa abordagem não só corrige falhas, mas também enriquece o trabalho.

Figura 47 - Demonstração de como erros foram incorporados.

Um dia pós o outro, 2020. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5).



Acervo pessoal

A evolução da técnica de sombreamento no pontilhismo é um processo contínuo de aprendizado e experimentação. Ao longo de oito anos estudando e me aprofundando no ato de pontilhar, enfrentei diversos desafios, especialmente a constância, como aponta Gombrich (1999), visto que é uma técnica que demanda tempo e paciência. Estabelecer metas diárias, como sugere Edwards (2021), dividindo o trabalho em etapas, tem sido fundamental para manter minha motivação e concentração. Aprender a apreciar cada fase do processo, mesmo as mais desafiadoras, é essencial para o sucesso. Concordo com Rubin (2023) ao afirmar que a necessidade de paciência é uma regra da criatividade que nunca deve ser ignorada.



Small text label below the group photograph.

Small text label below the portrait photograph.



Small text label below the large portrait on the right.



4 CAPÍTULO 3 - PORTFÓLIO

Neste capítulo, apresento um portfólio que reúne as obras que desenvolvi entre 2017 e 2024, utilizando o pontilhismo como técnica. Esse conjunto de obras reflete o desenvolvimento da minha prática artística e, em diálogo com os capítulos anteriores — "Ideia" e "Esboço" — cada obra representa uma extensão dos pensamentos e processos que guiaram meu trabalho.

O pontilhismo, com suas particularidades, desafiou-me a explorar novas formas de representação, transformando cada criação em uma oportunidade de aprendizado e crescimento, como defende Edwards (2021). Neste portfólio, compartilho minhas conquistas e as transformações que ocorreram nas minhas criações artísticas ao longo do tempo. A estrutura deste capítulo inclui a apresentação da minha exposição individual “*A Ponto de Ser*”, além de uma análise das obras recentes que participaram de exposições coletivas ou que merecem destaque.

4.1 Exposição individual *A Ponto de Ser*

Em 2019, tive a oportunidade de realizar minha primeira exposição individual, intitulada “*A Ponto de Ser*”, na Casa da Cultura de Sobrado, PB. Essa mostra foi significativa na minha trajetória artística, apresentando uma seleção de obras que refletem meu desenvolvimento no pontilhismo. A exposição foi organizada cronologicamente, traçando minha evolução desde a técnica do realismo com lápis grafite até o domínio do pontilhismo.

A curadoria foi realizada pelo meu amigo e colega artista Rickson Martiniano, que estruturou a narrativa da exposição, permitindo que os visitantes compreendessem o processo de evolução da minha prática artística. O tema central, “*A Ponto de Ser*”, enfatizou a transformação contínua e a busca pela identidade artística, refletindo sobre a percepção da vida e a relação entre o íntimo humano e a expressão criativa.

O texto curatorial destacou que “*A Ponto de*” remete ao “*estar se tornando*”, um processo em constante desenvolvimento, comum a todos os artistas. Cada obra apresentada representa uma etapa crucial na minha construção artística, com o ponto simbolizando a menor parte de uma linha — uma metáfora da linearidade do crescimento

pessoal e profissional. Todas as obras selecionadas fazem referência ao “Ser-Humano-Criador-Artista”, um conceito que conecta a sensibilidade do ser ao ato criador.

A exposição foi estruturada em quatro ciclos, correspondentes a diferentes épocas de produção, alinhadas ao meu processo criativo:

4.1.1 Ciclo 1 - Crescer

Esse ciclo explora o desenvolvimento progressivo, refletindo as etapas da vida que me moldaram. Representa minha jornada inicial como artista, marcada pelo florescimento da criatividade e pela formação da minha identidade. Esse processo ocorre de forma tímida e introspectiva, mas carrega um significado profundo. Crescer simboliza a busca por se tornar e descobrir a própria voz artística, onde cada traço inicial e cada obra são tentativas de consolidar meu caminho criativo.

Figura 48 - Fotografia de obras com a técnica do grafite, representando a transição para a técnica do pontilhismo



Fonte: Acervo pessoal

4.1.2 Ciclo 2 - Sentir

O segundo ciclo, "Sentir", focou nas emoções e nas percepções que emergem da experiência humana. As obras deste ciclo capturam momentos de sensibilidade e, mais uma vez, introspecção, convidando o espectador a refletir sobre suas próprias emoções.

Utilizando o pontilhismo, cada ponto se transforma em uma representação das nuances dos sentimentos. Este ciclo é um convite à conexão com o íntimo, ressaltando a importância da consciência emocional na criação artística.

Figura 49- Fotografias do público observando as obras do Ciclo 2: 'Sentir'."



Fonte: Acervo pessoal

4.1.3 Ciclo 3 - Querer

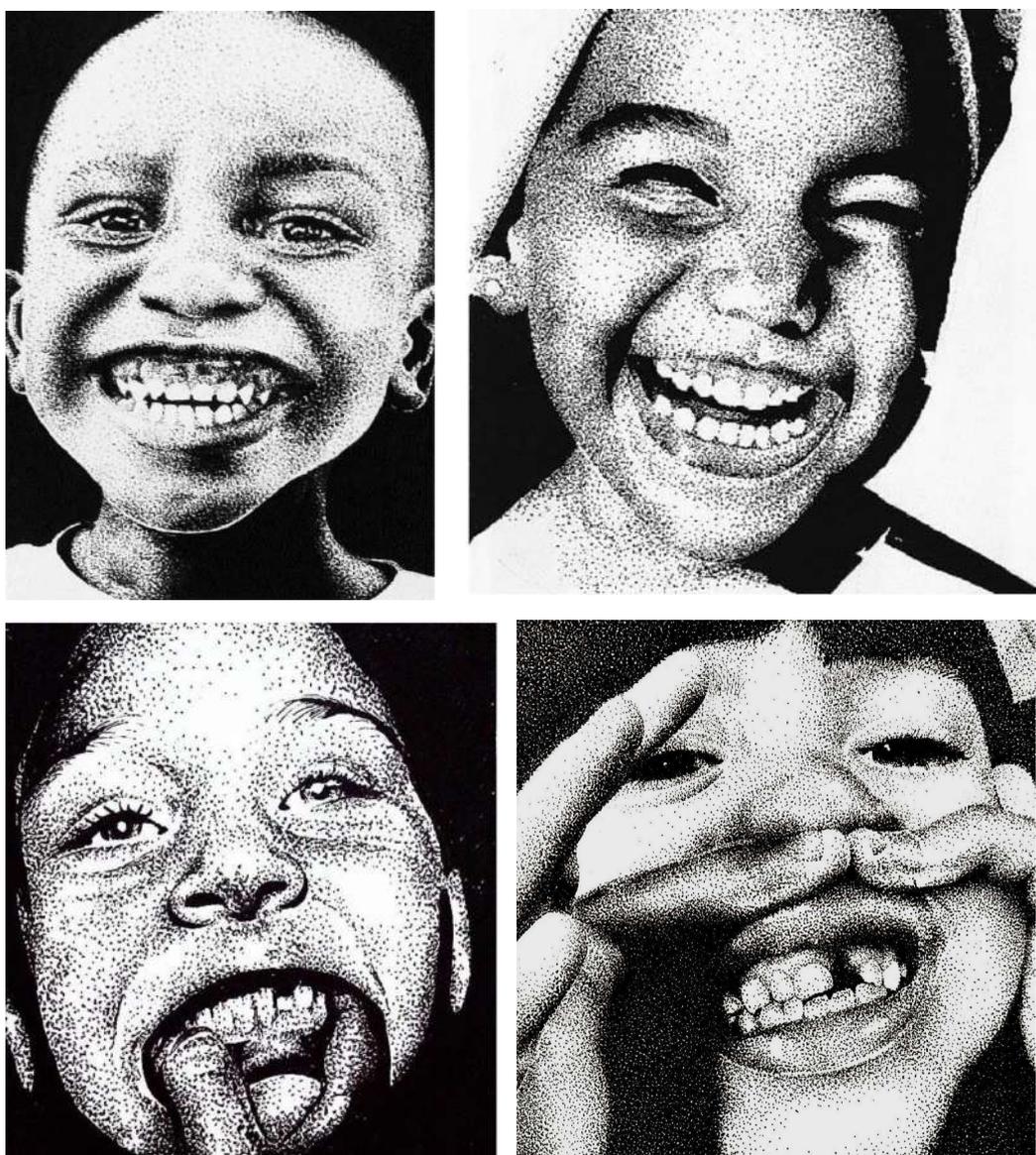
A temática do desejo e da intenção se destaca. As obras refletem a força motivadora que impulsiona a busca pela realização e autodescoberta. Aqui, a técnica do pontilhismo é utilizada para criar composições dinâmicas, onde cada ponto parece pulsar com energia e anseio. A exploração do "querer" se manifesta tanto nas escolhas estéticas quanto nas narrativas presentes nas obras, evidenciando como o desejo pode moldar não apenas a arte, mas também a vida da artista.

Figura 50 - Fotografia das obras pertencentes ao ciclo 3 “Querer



Fonte: Acervo pessoal

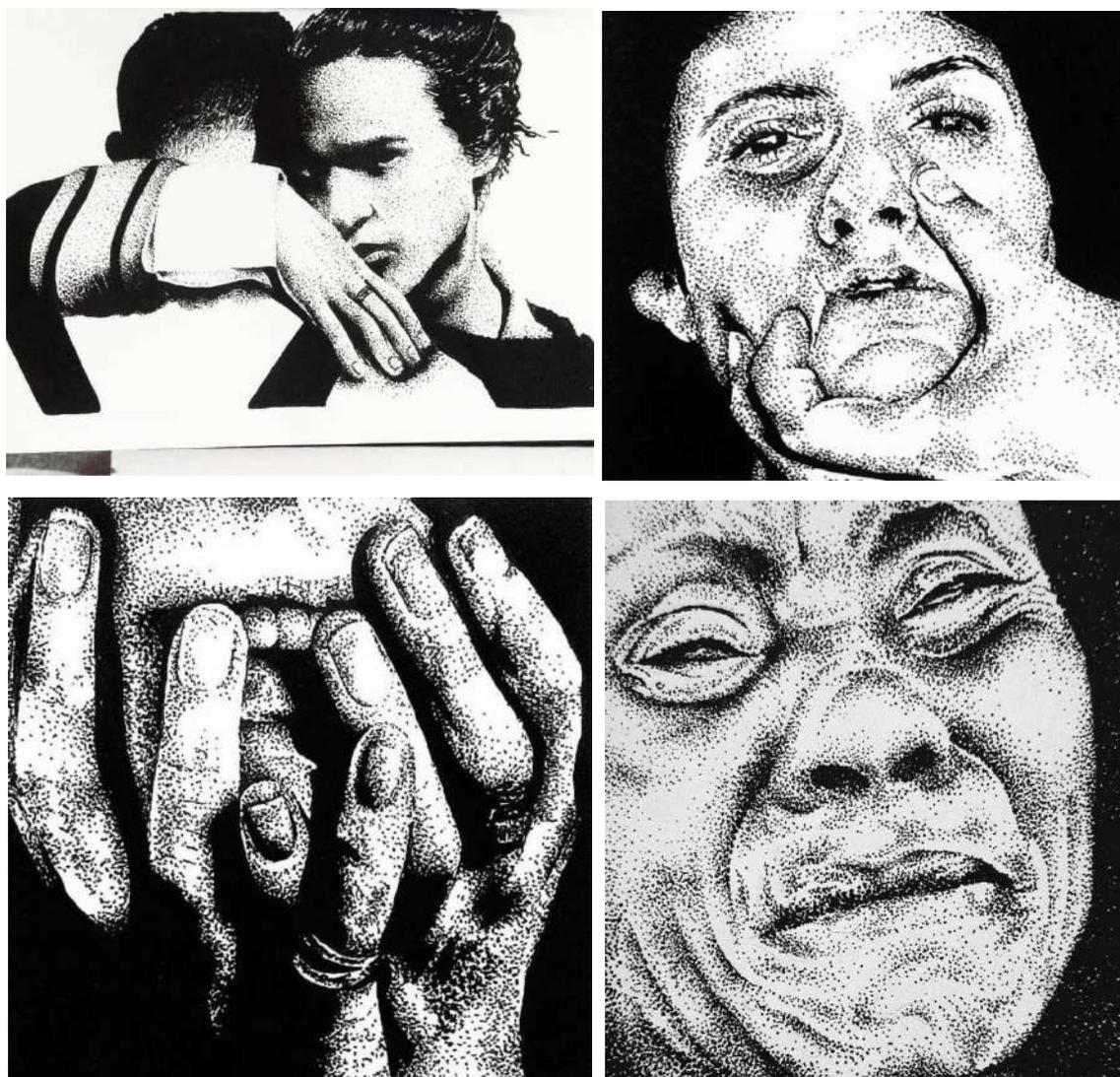
Figura 51 - Obras pertencentes ao ciclo3 “Querer”



Fonte: Acervo pessoal

4.1.4 Ciclo 4 - Querer-se

Figura 52 - Obras pertencentes ao ciclo 4 "Querer-se"



Fonte: Acervo pessoal

O último ciclo da exposição traz à tona uma reflexão sobre a identidade e a autoaceitação. O neologismo "Querer-se" encapsula a ideia de reconhecer e afirmar a própria essência. As obras deste ciclo desafiam os padrões tradicionais de identidade, promovendo um diálogo sobre a individualidade e a liberdade de ser. Através de formas e cores que se entrelaçam, cada peça é uma celebração da diversidade e da complexidade do ser humano. Este ciclo convida o espectador a explorar sua própria identidade e a aceitar o processo constante de "estar-se tornando."

A exposição “*A Ponto de Ser*” foi um marco significativo na minha trajetória artística, funcionando como um espaço de diálogo entre minhas criações e o público (figuras 55 e 56). Cada ciclo apresentado refletiu etapas do meu desenvolvimento, permitindo que os visitantes vivenciassem minha jornada de autodescoberta e reflexão. Cada obra exposta carrega consigo histórias, sentimentos e contextos que enriqueceram minha prática.

Figura 53 - Interação do público com as obras durante a exposição



Fonte: Sônia Maria

Figura 54 - - Interação do público com as obras durante a exposição



Fonte: Acervo pessoal

4.2 Exposições coletivas

Ao longo da minha trajetória como artista, participei de exposições coletivas que foram fundamentais no fortalecimento da minha identidade. Expor minhas obras ao lado de outros artistas me permitiu criar diálogos visuais e ampliar as formas de interpretação do meu trabalho.

Dando continuidade a essa jornada, apresento a seguir obras que fizeram parte de exposições coletivas e que merecem destaque entre os anos de 2019 e 2024. Cada uma dialoga com os temas explorados neste trabalho, trazendo novas narrativas e significados, refletindo a evolução da minha prática no pontilhismo.

Duas obras que ganharam destaque em 2019 foram “Tenaz I” e “Tenaz II” (figuras 30 e 31, capítulo 2), expostas em três eventos diferentes durante o mesmo ano. A primeira foi a minha exposição individual “A Ponto de Ser”; a segunda, o 1º Festival Anaydes na Casa da Pólvora; e a terceira, a exposição coletiva "Concha," realizada em 02 de abril de 2019, organizada pela Pinacoteca da UFPB. Essa exposição consistiu em um recorte da produção de artistas mulheres residentes na Paraíba, com o objetivo de evidenciar a riqueza e diversidade de suas produções poéticas.

Minhas obras, que exploram o conceito de transformação a partir da inércia, foram reconhecidas pela profundidade emocional transmitida através do pontilhismo. Após a exposição, a banda pessoense Tenaz demonstrou interesse em utilizar “Tenaz I” e “Tenaz II”, juntamente com outras obras de minha autoria que abordam a mesma temática, como capas para seu EP *Desperto Contido*, lançado em 2019 e disponível no YouTube (figura 57).

O EP, que marcou o primeiro lançamento da banda, apresenta músicas intensas e repletas de sentimento, abordando temas como introspecção, superação e resistência. A sonoridade forte e as letras poéticas refletem o conceito de transformação que também permeia minhas obras, criando uma conexão simbólica entre a arte visual e a musicalidade de *Desperto Contido*.

Figura 55 - Capas para o EP Desperto Contido



Fonte: <https://www.behance.net/gallery/110981751/EP-Desperto-Contido-Tenaz>

Outra obra que merece destaque é “Lamento às Águas,” criada em 2020. Ela representa uma profunda reflexão sobre a relação entre o ser humano, a dor e o clamor. A obra expressa o desejo de conexão e proteção em tempos de tempestade, buscando esperança mesmo em meio à luta contra a fúria do mar e a calmaria do vazio.

Essa obra foi exposta na coletiva virtual organizada pela Pinacoteca da UFPB, que destacou a produção dos alunos de Artes Visuais durante a quarentena da COVID-19—um período repleto de desafios. A exposição refletiu sobre como os artistas lidavam com o isolamento e a escassez de recursos, proporcionando um espaço para que suas vozes ecoassem através da arte

Figura 56 - Lamento às Águas, 2020. Caneta nanquim sobre papel Canson, 14,8 x 21 cm (tamanho A5).



Fonte: Acervo pessoal

Durante o ano de 2023, participei de duas exposições. A primeira foi a exposição "Gabinete do Acúmulo," onde expus a obra "Cíclico - Aquilo que Sempre Volta" (figura 59). Este projeto expositivo explorou, de forma transitória, as referências visuais, estéticas e expográficas dos Gabinetes de Curiosidades. A exposição abriu um diálogo sobre os espaços expositivos de arte e foi curada pelo DAAV - Diretório Acadêmico de Artes Visuais. A obra carrega em seu título o significado de um ciclo, refletindo a repetição de temas que vivenciei em minha prática artística.

Figura 57 - Fotografia da obra "Cíclico - Aquilo que Sempre Volta"



Fonte: Maurício Nunes

A segunda obra exposta em 2023 foi "Resistir" (2020) (figura 60), que nasceu do período em que compreendi a complexidade de fazer arte, como já mencionado no capítulo 2. Essa obra foi apresentada na exposição *Certos Pontos Incomuns: Artistas Mulheres da Paraíba*, que ocorreu no Centro Cultural São Francisco, de 8 de março a 27 de abril de 2023.

Com curadoria de Ariana Atanzio, bacharela em Artes Visuais pela UFPB, a mostra reuniu obras de mulheres de diferentes gerações, linguagens, temáticas e pesquisas, celebrando a diversidade que une esses artistas de maneira única. "Resistir"

representa a inércia e a luta interna para transformar essa paralisia em força. A obra reflete uma jornada de estar parado, sentir e, por fim, se transformar.

Conforme os dias passavam, refinei esses pensamentos existenciais, buscando me ancorar e encontrar um caminho para a persistência. A arte se tornou meu refúgio, uma forma de renovação e crescimento, permitindo que eu enfrentasse a dor e emergisse mais forte.

Figura 58 - Fotografia com a obra e da obra Resistir



Fonte: Ana Cláudia Araújo

Assim como “Resistir” reflete as complexidades da experiência humana, minha próxima obra apresentada neste trabalho, “Quando os Dentes Caem - Infância II” (figura 61), também aborda temas de transição e vulnerabilidade, desta vez pela perspectiva das memórias da infância. Esta obra reflete as experiências e emoções ligadas ao crescimento, simbolizando as mudanças inevitáveis que todos enfrentamos ao longo da vida.

A obra foi exposta na coletiva *Voo Livre*, promovida pela Pinacoteca da UFPB, na Galeria Lavadeira do CCTA. Com curadoria dos alunos Allana Barros e Arthur Santiago Confessor, a mostra contou com obras de estudantes do curso de Artes Visuais, proporcionando uma plataforma para que esses novos artistas apresentassem suas produções. A exposição esteve aberta à visitação de 4 a 25 de outubro de 2023, permitindo

que o público apreciasse a diversidade e a criatividade presentes na nova geração de artistas.

Figura 59 - Fotografia da obra “Quando os Dentes Caem - infância II”



Fonte: Ana Cláudia Araújo (à esquerda) e Instagram da Pinacoteca da UFPB (à direita)

Ao longo deste capítulo, compartilhei meu portfólio montado a partir de um recorte das minhas obras em pontilhismo, criadas entre 2017 e 2024 e expostas entre 2019 e 2024. A exposição “A Ponto de Ser” apresentou essa trajetória, permitindo ao público uma experiência nas etapas que moldaram minha identidade. As interações com os visitantes enriqueceram o diálogo sobre arte.

Minhas participações em exposições coletivas, como “Concha,” “Ninho”, “Certos Pontos Incomuns: Artistas Mulheres da Paraíba” e “Voo Livre”, ampliaram minha visão e destacaram a importância da diversidade no cenário artístico. Cada obra e evento foram essenciais para meu crescimento como artista e ser humano, revelando a arte como um espaço de persistência e autodescoberta. Nesse contexto, o pontilhismo se tornou um reflexo do meu processo contínuo de evolução.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresento meu desenvolvimento técnico e o percurso pessoal que me levou a adotar o pontilhismo como uma das principais formas de expressão. Entre 2017 e 2024, fui moldando minha técnica e construindo uma compreensão mais profunda sobre a relação entre arte e experiência de vida. Minhas criações, realizadas ponto a ponto, capturam nuances de emoções, memórias e reflexões pessoais, construindo uma narrativa própria que se transforma ao longo do tempo.

O pontilhismo, sendo uma técnica que exige paciência e meticulosidade, tornou-se uma ferramenta poderosa para explorar minha sensibilidade artística. Através da repetição metódica de pontos, fui capaz de dar vida a imagens que refletem sentimentos profundos e complexos. Essas obras expressam, de forma visual, temas como a perda ligada à infância, a resiliência que emerge diante dos desafios pessoais e o constante desejo de autodescoberta.

Cada uma das criações e ciclos apresentados na exposição "*A Ponto de Ser*" reafirma a ideia de que o processo artístico está sempre em transformação, assim como eu, "a ponto de" me refazer e evoluir continuamente.

Este trabalho reforça a importância da prática constante na formação de uma identidade artística sólida e autêntica. Os mestres que me inspiraram, como Georges Seurat e Paul Signac, e os contemporâneos que acompanharam minha jornada, mostraram que a arte é um reflexo daquilo que vivenciamos. Para mim, o pontilhismo tornou-se mais do que uma técnica; é um caminho para expressar a complexidade da existência humana.

Concluo este estudo com a certeza de que o pontilhismo continuará sendo um espaço de exploração e reflexão em minha carreira, permitindo que eu me reconecte constantemente com minha própria história e identidade. Espero que este trabalho inspire outros artistas a se aventurarem por esse caminho de autoconhecimento, paciência e perseverança. Afinal, assim como cada ponto contribui para a criação de uma imagem maior, cada experiência, por menor que seja, constrói o ser e a obra de arte.

REFERÊNCIAS

- BAYLES, D.; ORLAND, T. **Arte e medo**. [S.l.]: Seiva, 2024.
- CAMERON, Julia. **O caminho do artista**. Tradução de Leila Couceiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- CARREIRA, Luiz. **O mínimo sobre criatividade**. Campinas, SP: O Mínimo, 2023.
- CESAR, Marisa Flório. O ateliê do artista. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais**, EBA, UFRJ, p. 17-29, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/50114/27329>. Acesso em: 14 out. 2024.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro: um curso para estimular a criatividade e a confiança artística**. Traduzido por Thaís Costa. São Paulo: Versos, 2021. ISBN 978-6587638379.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. 16. ed. São Paulo: LTC, 1999. 688 p. ISBN 978-85-216-1185-1.
- MELLO, R. L. S. Processos criativos de artistas visuais. **Revista Trama Interdisciplinar**, [S. l.], v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/5004>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. ISBN 978-8532605535.
- RUBIN, R. O. **Ato criativo**. Tradução de Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Sextante, 2023.
- SANTOS, J. de O. **Tornar-se artista: como se desenvolve o processo criativo?** 2019. 144 f. Tese (Mestrado em Educação Artística) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/37661>.
- WAGNER, Juliana; ALLEGRETTI, Carla Andrea Lopes; LEMOS, Diana Scabelo da Costa Pereira da Silva. **Desenho artístico**. Porto Alegre: SER - SAGAH, 2017. 1 recursoonline. ISBN 9788595022423.
- POESTER, T. Sobre o desenho. **Porto Arte: Revista de Artes Visuais**, [S. l.], v. 13, n. 23, 2012. DOI: 10.22456/2179-8001.27919. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27919>. Acesso em: 23 abr. 2024.